

## PREÂMBULO

### NOSSO SER

O nosso ser, expressão imanifesta da Consciência Cósmica, é uni, pleno, indissolúvel em, sua essência-verdade. Os aspectos da exteriorização objetiva e material que nos induzem a correlações dualistas, como eu-outro, sujeito-objeto, são circunstanciais, relativos e fenomenais, cuja aparente solidez, durabilidade são limitadas e restritas aos parâmetros do tempo-espaço.

Tudo é fundamentalmente UNO no Cosmos, o qual se compõe de dimensões e subdimensões interdependentes e integradas incondicionalmente entre si. Há toda uma HARMONIA edificada sobre a Energia que interpenetra todos os sistemas, desde o universo relativo até os mundos mentais e etéreos disseminados no - e pelo - TODO.

A visão dualista e objetivista do homem, educado assim erroneamente, conduz-nos ao sofrimento, ao desconhecimento de nosso EU, à violência. Há que se refazer todo um processo milenar de (des)educação do homem, fazendo-o caminhar com os próprios pés, libertando-nos da prisão mental do ego, nos harmonizando com a natureza, o universo e conosco mesmos, ao invés de buscarmos sempre o que está fora ou além de nós.

A dicotomia espírito-corpo, ego-outro, em que se vive, leva à obsessão e ao desgaste da personalidade, porquanto tempo que nos reafirmar a cada momento, a nos agarrar às correntes e torvelinhos do mundo exterior, de onde saímos constantemente exauridos e neuróticos. Nossa mente deve ser/estar despoluída de confusões, emoções rígidas, contradições, unificando-se os estados mentais, mediante a desconsideração do eu/outro e sem as rotineiras preocupações psicóticas com a realidade externa. O mundo (realidade) passa, destarte, a ser neutro, sem vínculos desvairados de posse ou apego de nossa parte, destruídas as paredes emocionais e mentais que teimosamente nos encarceram o ser, o pleno viver.

Rompida toda a carapaça egóica e de autoimagem criadas por nossa mente, podemos então e enfim adentrar e ouvir a nossa voz interior. A voz maviosa do silêncio, a harmonia do Cosmo.

### Coronel Xavier Chaves

A 17km de São João del-Rei, Coronel Xavier Chaves é cidade conhecida, hoje, por suas inigualáveis esculturas em pedra, pelo Agronegócio forte e por uma rota queijeira alegrando paladares e corações. Essa força, no entanto, tem uma História – e parte dela é contada em nosso Boletim: “Segundo relatos orais, já em 1700 se tinha notícias de moradores na região, os primeiros foram os da família de João Gonçalves de Faria Góes e Lara”.

Pág. 4



### O poeta

Você já leu, em nossas páginas, diferentes citações e artigos inteiros creditados ao professor, escritor e historiador Antônio Gaio Sobrinho. Acontece que, para surpresa de muitos, o concepçense é também exímio poeta. Conheça alguns de seus versos nesta edição.

Pág. 8

### Padre Bento

“O primeiro sacerdote de que se tem notícia na Capelania de São Tiago Maior e Sant’Ana, como se verifica em livros de registros de batismos, de casamentos e de óbitos da comarca eclesiástica de São João Del-Rei, para onde os capelães de toda essa então vasta circunscrição remetiam os respectivos assentamentos, é o Pe.Bento Francisco Ribeiro que, desde janeiro de 1764 até setembro de 1779, como capelão, desempenhou as funções de seu alto ministério...”

Pág. 16

# ADIVINHAS

- 1- O que é, o que é? Tem notas, mas não é dinheiro e faz as pessoas dançarem.
- 2- O que é, o que é? Sobe e desce, mas nunca se mexe.
- 3- O que é, o que é? Perde a cabeça de manhã, mas de noite recupera.
- 4- O que é, o que é? Vai até a porta da sua casa, mas não entra.

Respostas: 1) A música, 2) A escada, 3) O travessão, 4) A calçada.

## Provérbios e Adágios

- EM CIMA da morte, ganhando o pão da vida.  
EM CIMA da morte procuro a sorte.
- Com ferro se fere, com ferro será ferido (tudo de mal que fizer, de mal voltará)
- Bater taquara (conversar, bater papo)



### Para refletir

- Existem dois tipos de riscos: Aqueles que não podemos nos dar o luxo de correr e aqueles que não podemos nos dar o luxo de não correr. (Peter Drucker)
- O grande risco é não assumir nenhum risco. Em um mundo que muda, de verdade, rapidamente, a única estratégia com garantia de fracasso é não assumir riscos. (Mark Zuckerberg)
- Se queremos chegar às nascentes temos que subir e enfrentar as correntes. (João Paulo II)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

*O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.*

*Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.*

*Coordenação: Ana Clara de Paula*

*Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.*

*Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula*

*Revisão: Fábio Antonio Caputo e*

*Sandra Regina Almeida Caputo*

*Jornalista Responsável:*

*Marcus Santiago – MTB 19.262/MG*

*E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br*

Realização:



## CURIOSIDADES SOBRE ALIMENTOS

- O pêssego, originário da China, simboliza a longevidade. Há relatos da existência dessa fruta desde 7.000 a. C.
- O primeiro sorvete foi inventado há mais de 3 mil anos na China. Era feito de leite, pasta de arroz e neve.
- A pera é tão doce e saborosa que o poeta grego Homero a chamou de “presente dos deuses”.
- No Brasil é comum a refeição começar pela salada. Mas na França ou Itália ela é consumida após o prato principal.
- Os morangos fazem parte da família das rosas, assim como as maçãs, damasco, peras e amoras.
- O melão possui 80% de água em sua composição e é parente da melancia, do pepino e do kiwi.

## CARROSSEL DO DESTINO

Antonio Nóbrega

Deixo os versos que escrevi  
As cantigas que cantei  
Cinco ou seis coisas que eu sei  
E um milhão que eu esqueci  
Deixo este mundo daqui  
Selva com lei de cassino  
Vou renascer num menino  
Num país além do mar  
Licença que eu vou rodar  
No carrossel do destino  
Licença que eu vou rodar  
No carrossel do destino  
Enquanto eu puder viver  
Tudo o que o coração sente  
O tempo estará presente  
Passando sem resistir  
Na hora que eu for partir  
Para as nuvens do divino  
Que a viola seja o sino  
Tocando pra me guiar  
Licença que eu vou rodar  
No carrossel do destino  
Licença que eu vou rodar  
No carrossel do destino

Romances e epopeias  
Me pedindo pra brotar  
E eu tangendo devagar  
A boiada das ideias  
Sempre em busca das colmeias  
Onde brota o mel mais fino  
E um só verso pequenino  
Mas que mereça ficar  
Licença que eu vou rodar  
No carrossel do destino  
Licença que eu vou rodar  
No carrossel do destino  
Bonito, Zé  
Licença que eu vou rodar  
No carrossel do destino  
Licença que eu vou rodar  
No carrossel do destino

Apoio:



# AO PÉ DA FOGUEIRA

## ELEIÇÕES TUMULTUADAS

A cidade, em si pacata, pacífica, achava-se em incomum agitação por aqueles tempos. Em convulsão. Fremência. Turbulência. Tempos de eleição em conhecida empresa de participação comunitária. Duas chapas concorrentes - de um lado, a diretoria em exercício há anos, dedicada, qualificada, gestão técnica; do outro lado, chapa de oposição mesclada de políticos partidários e ainda os descontentes - aqueles do “contra” - de sempre. Fora, os incendiários, que pouco fazem, mas que apreciam ver o circo pegar fogo...

Disputa acirrada. A chapa adversária movendo céus e terras, visitando associados, prometendo minas e caroços, criticando e denegrindo os membros da atual diretoria. Tal e qual feito, via de regra, nas campanhas políticas tradicionais interioranas. Muita falação, mas pouco, senão nenhum projeto de governo

Ânimos exaltados à medida que se aproxima o pleito. Boatos à solta. Eis o dia da eleição, os membros da atual diretoria são acordados de madrugada, com uma informação estarrecedora. Mascarados tinham invadido o escritório da empresa, subtraindo contas correntes, fichários de sócios, documentos confidenciais corporativos, espalhando-os pelas ruas. Tempos em que não havia computadores e toda documentação era processada manualmente. Um cavaleiro, às três horas da manhã, ao passar pelas proximidades do prédio, lobrigou os invasores, conseguindo assustá-los e dispersá-los, antes que praticassem vandalismo maior, dando imediata ciência a um dos diretores da instituição. Assim, antes do amanhecer, diretores e funcionários alertados, retirados do leito às pressas, eram vistos, percorrendo as ruas da cidade, recolhendo documentos, promovendo-se ainda o devido BO junto à delegacia de polícia local. Obra, segundo se apurou (após a confissão de um dos invasores) da chapa contrária, no

intuito de desacreditar a diretoria em exercício.

A assembleia seria deveras tumultuada, com tentativas, por parte de simpatizantes e membros da chapa contrária, em acuar a mesa diretora, hostilizando-a, promovendo-se balburdias de toda ordem.

A causa de tanta animosidade achava-se há alguns meses antes. Era aquele ano, igualmente, de eleição municipal, a se realizar dali a uns seis meses. A diretoria da empresa fora contactada por certa liderança política com uma proposta surpreendente, absurda. Necessitava o político, assim afirmara, de uma substancial quantia para “financiar” sua campanha ao executivo local e que tal “ajuda” sairia dos cofres da empresa! Que não aceitaria “não”, pois do contrário, teriam nele um inimigo implacável e que, ante a proximidade das eleições na empresa, formaria uma vigorosa e imbatível chapa de oposição, pondo os diretores atuais no olho da rua. E com a vitória de sua chapa, de uma forma ou outra, botaria a mão na quantia pretendida. Ou até mais.

Perplexos, porém, seguros, os diretores esclareceram ser impossível, quando não insensata, tresloucada a solicitação, que contrariava todos os princípios estatutários, legais, administrativos, éticos. Criariam, com isso, todavia, um poderoso e ardiloso adversário, que formou chapa opositora, lançando mão de todos os meios - legais ou não - para vencer a eleição.

Poderosa estrutura fora montada, a partir da administração pública local - veículos, verbas, pessoal - tudo colocado ostensivamente à disposição da chapa de oposição. Até funcionários da instituição foram cooptados e pressionados a “colaborar” com a chapa adversária. Baldos, contudo, as falácias, intrigas, ameaças, porquanto, embora agitada a assembleia, a maioria dos sócios, sensatamente, optou por reeleger a diretoria.



# HISTÓRIA DA CIDADE

## Breve História de Coronel Xavier Chaves

Segundo relatos orais, já em 1700 se tinha notícias de moradores na região, os primeiros foram os da família de João Gonçalves de Faria Góes e Lara. O capitão português Pedro Bernardes Caminha, avô de João Gonçalves, casou-se em Lagoa Dourada em 1730 com Ângela de Góes Cardoso, nascida na região, exemplificando os casamentos entre portugueses e mineiras. Tiveram oito filhos, dentre os quais Maria Bernardes, mãe de João. O capitão de ordenanças da vila de São João del Rei, Pedro Bernardes Caminha, deve ter sido o responsável pela construção da capela de Nossa Senhora da Conceição do Mosquito, muitas vezes chamada de Mosquito do Mato Dentro ou de capela de Pedro Bernardes na documentação eclesiástica do século XVIII. O mais antigo registro que encontramos com menção à capela data de 1745, como Capela de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia da Vila de São José, num batismo de um escravo de Maria Madalena do Sacramento. Em 1752, o registro de Conceição do Mato Dentro começa a aparecer e, em 1757, como pertencente a Pedro Bernardes Caminha. A partir da década de 1770, o registro consolida-se como Conceição do Mosquito ou do Ribeirão do Mosquito, sendo muitas vezes chamada apenas de Capela do Mosquito ao longo do século XIX (Registros Paroquiais de batismo, óbito e casamento – Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei). Segundo o cônego Raimundo Trindade, em 1748, a capela de Conceição do Mato Dentro, filial da Vila de São José era assistida pelo capelão Bernardo José de Faria, conforme anotou o frei Manuel da Cruz sobre o clero que encontrou no bispado de Mariana na referida data (TRINDADE, 1945, p. 360). Hoje é a capela de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Coronel Xavier Chaves, Minas Gerais. O título do Rosário foi adotado em 1920, quando foi construída uma nova igreja matriz com a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Originalmente, a capela era rebocada e pintada de branco e azul. É a mais antiga construção ainda existente da antiga fazenda do Mosquito e a tradição oral da cidade, atribui a ela a data de 1717, o que não pudemos verificar em nenhum documento pesquisado. A igreja era rebocada e pintada de azul e branco até a década de 1970, quando o pároco Padre Francisco Rodrigues Lustosa, numa reforma, percebeu que a igreja era toda de pedras e resolveu deixá-las à mostra.<sup>[1]</sup>

A mais antiga sesmaria (documento de doação de terras pelo governo português) que encontramos é datada de 1718, sendo doação da região do Brumado, subordinada a Lagoa Dourada, a Guilherme de Oliveira Lara. Esta região fará parte do município posteriormente. O documento faz menção à ocupação das terras há pelo menos quatro anos, o que nos coloca o ano de 1714 como marco inicial para a ocupação da região, conforme os documentos encontrados. Os filhos e netos da família Faria Góes e Lara fixam moradia nas fazendas próximas: Dois Córregos, Roça Grande e Retiro. Entrando o século XIX, são empreendidos casamentos com outras famílias também: Gonçalves de Melo, Parreiras, Valadão, Mendonça, Resende e Chaves.

A antiga Fazenda do Mosquito, presente em documentação cartorial e eclesiástica desde o século XVIII, é um exemplo de ocupação das terras mineiras sem ligação direta com a atividade mineradora. A fazenda destacava-se na região, sendo que no século XIX, segundo a lista nominativa de 1838, encabeçava um dos quatro quarteirões do Arraial da Lage, englobando uma série de fazendas vizinhas. Subordinado ao termo da Vila de São José Del Rei, o povoado do Mosquito cresceu no fim do século XIX e, em 1911, foi transformado em distrito, sob o nome de São Francisco Xavier, sendo incorporado ao município de Prados. Em 1943, recebeu o nome de Coroas, após um



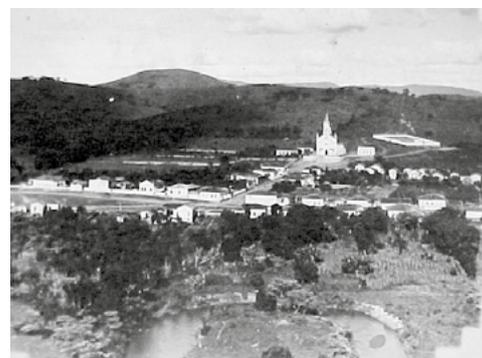
abaixo assinado pedir a mudança do nome de São Francisco Xavier para “Canoas”, nome de uma fazenda vizinha, mas por mal-entendido por ter sido grafado em letra tosca, o edital traz o nome de “Coroas”, como é chamada a cidade até hoje em toda a região. Com a Lei nº 2764, de 1962, tornou-se um novo município, com o nome de Coronel Xavier Chaves. Comemora-se seu aniversário em 1º de março de 1963.

Vindo do Rio de Janeiro, o Major Matheus Mendonça se casa na família já existente e se estabelece no “Retiro”. Torna-se um personagem político influente no século XIX, sendo vereador na Vila de São José Del Rei (atual Tiradentes) já na década de 1830, durante o Período Regencial e no Segundo Reinado, até a década de 1860.

Da fazenda do Jacaré, município vizinho de Lagoa Dourada, vem o Coronel Francisco Rodrigues Xavier Chaves que se casa na família Mendonça e herda a Fazenda do Mosquito. Sua esposa era Joana de Mendonça Chaves e o Coronel Xavier Chaves era bisneto de Antônia Rita de Jesus Xavier, irmã caçula de Tiradentes.

Deve-se registrar que a Fazenda do Pombal, onde nasceu Tiradentes, embora pertencendo ao município vizinho de Ritópolis, dista apenas 8 Km da sede do município de Coronel Xavier Chaves.

A Fazenda do Mosquito foi dividida entre os filhos do Coronel Xavier Chaves e nos lotes foram construídas casas para os familiares. Acredita-se que o próprio coronel fez um traçado urbanístico onde foram construídas 20 moradias, para fa-



[1] Dados retirados de <<https://coronelxavierchaves.mg.gov.br/prefeitura/2017/04/01/igreja-de-nossa-senhora-do-rosario/>>.

miliares, padres e outros. Estas casas foram construídas próximas à atual igreja de pedra. Mandou construir na chamada Rua de Cima (hoje Rua Major Mendonça), moradias para os trabalhadores em suas propriedades.

O traçado atual da cidade se expandiu tendo o traçado original como referência. Pode-se concluir que a cidade nasceu planejada.

Não se conhece a data exata destes acontecimentos, mas presume-se que seja a última década do século XIX. As casas mandadas construir pelo Coronel foram todas de sua propriedade até 1912. Esta história origina o bairro Centro.

Desde 1908, o Estado de Minas Gerais pagava professores para o povoado. A escola funcionava onde hoje é a Câmara Municipal e possuía 2 turmas mistas do 1º ao 4º Ano (hoje 2º ao 5º), uma de meninos e outra de meninas. Depois tornou-se Escolas Reunidas de Coroas e, finalmente no final da década de 1970, foi inaugurada a atual Escola Estadual Coronel Xavier Chaves.

O bairro Vila Fátima relaciona-se ao final da escravidão. Com a Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, assinada pela princesa Isabel, os ex-escravizados receberam da família do Coronel Xavier Chaves o direito de erguer suas casas no território que hoje forma o bairro e já foi chamado de Tanque.

O Cosnec – Grupo de Consciência Negra de Coronel Xavier Chaves, fundado em 2009, tem sua sede na Vila Fátima, onde encontra-se o Centro Afro-Descendente. Hoje, o bairro cresceu mais, com a construção do Conjunto Habitacional São Francisco de Assis, inaugurado em 2011/2012. Também foi criada recentemente (2021) uma área de lazer extensa no bairro, o Espaço Municipal de Lazer e Convivência.

Já o bairro Vila Mendes originou-se de um loteamento organizado pelo senhor José Mendes, que facilitou a aquisição das terras

para as primeiras famílias, através de uma espécie de sistema de créditos para a compra. O primeiro morador foi o senhor José Valentim, popularmente conhecido como Tirica. Uma grande empresa já teve sua sede lá, a Semenge. Recentemente, as terras da empresa foram adquiridas pela Prefeitura Municipal. O bairro também está em ampliação com o loteamento chamado Canoas.



O mais novo bairro da cidade, Nossa Senhora da Conceição, surgiu do loteamento da Igreja Católica, organizado pelo Padre Francisco. Nos anos 1980 iniciou-se a urbanização, concluída na década



de 1990. A Escola Municipal Sebastião Patrício Pinto, inaugurada em 1998, localiza-se neste bairro, que também sediou a Rádio São Francisco FM. O Residencial Passaredo é um prolongamento urbano que se encontra em processo de obras.

As áreas rurais do município estão relacionadas às primeiras ocupações de fazendas que datam do início do século XVIII, mesma época da formação da Fazenda do Mosquito. Já há duas regiões urbanizadas: Acquaville (Planalto de Fátima) e Parque dos Ipês.



Região de intensa tradição cultural, especialmente música, o município conta com banda de música, artesãos vários e pintores cujos trabalhos são comercializados nos grandes centros. Integrante do roteiro turístico da Estrada Real (Circuito Trilha dos Inconfidentes) e do recém-criado “Trilha de São Tiago”, o município espera desenvolver atividades turísticas mais consistentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995, p. 103

PINTO, Fábio Carlos Vieira. O Quarteirão do Mosquito: Famílias, Fazendas e a Economia Agropastoril das Minas Gerais (Séculos XVIII e XIX). Jundiá-SP: Paco Editorial, 2022.

TRINDADE, Cônego Raimundo. Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Ministério da Educação e Saúde, 1945.



## A VIA EXPRESSA DO CÉU

A expressão “embaixada de futebol” eventualmente já serviu para designar a viagem de um time de futebol amador de uma cidade do interior para outra, a fim de disputar um jogo amistoso. Geralmente era arrumar um ônibus, enchê-lo com os jogadores e quem mais coubesse, tudo meio bagunçado e em clima de passeio, festa e farra, pegar a estrada com alegria e alguma bebida escondida. Certa vez o Tupinambás de São Tiago foi até a vizinha Passa Tempo enfrentar o famoso e poderoso time do Fita Azul.

Os três jovens amigos de São Tiago, depois de beber algumas e muitas, arrumaram uma paquera na noite de sexta feira, na esquina perto da pensão do Sr. Luiz Caputo. Namoraram no sábado e ao final do dia, machistamente, o teor alcoólico do corpo e a beleza das garotas estavam em baixa. Esse compromisso esportivo era um programa imperdível e uma fuga perfeita e menos desonrosa.

Tudo ocorreu de acordo com o script: domingo, a viagem de ida, o jogo, cujo placar foi esquecido por não ser importante, e a diversão que antecedia e retardava o retorno. Era de praxe procurar os bares, as atrações e os lugares onde os nativos interagiam, no caso, a Praça Raul Leite em frente à Igreja Matriz N. S. da Glória.

Os rapazes, animados pela presença de muitas garotas bonitas e conquistáveis resolvem ficar, não embarcando de volta. O ônibus partiu, a noite chegou e antes que algo acontecesse, às 20 horas, como que respondendo a um chamado imperativo todas as moças sumiram e a praça ficou vazia. Frustrados nas intenções e na perspectiva de serem obrigados a pernoitar em Passa Tempo e no dia seguinte gastar duas baldeações e muito tempo para voltar para casa tomaram a decisão que escorregava entre a coragem e a imprudência: ir a pé até Morro do Ferro onde teriam mais recursos. E nem dinheiro tinham!

Uma empreitada dura e perigosa de 22 km, ainda mais por ser noturna. É um trecho de estrada ermo e árido, sem recursos, sem trânsito, praticamente sem moradias próximas, poeirento e desprovido de lugares aprazíveis onde se possa descansar. Ao final do primeiro terço é necessário enfrentar uma longa subida de quase 3 km e declividades dignas de um Tour de France, ou quase.

Vencido o obstáculo, o vácuo nos pulmões não proporcionou nenhum som para expressar o susto, o espanto e o medo maravilhado com o que preencheu o céu. Lua e estrelas que até estavam bonitas e vistosas, foram totalmente rabsicadas por um primeiro plano magnífico. Era a Via Expressa do Céu!

Qualquer comparação com Contatos Imediatos do Terceiro Grau seria mais que tolerável. Era cópia mesmo. Grupos de pequenas esferas luminosas e coloridas voavam em ritmo de enxame protegendo as alas da via. Coisas que lembravam enfeites de natal pairavam quase que flutuando. Os cinco poliedros regulares convexos, os de Platão, ali estavam representados de forma variegada, cada face em um tom, em movimento giratório de piorra.

E quando a verdade começa a doer podem ser divisados pequenos veículos em voo lento e luzes mais discretas organizados em fluxo nos dois sentidos. Uma grande massa estacionária em altitude elevada, cheia de frestas e aberturas sombreadas, antenas sinalizadoras e faróis emitindo fachos de luz tapou grande parte das estrelas, declarando que ela poderia ser inacreditável, mas era sólida. E a verdade doeu até o insuportável quando, perto de uma linda ar-

vore de sassafrás, uma nave de porte médio, estacionada a poucos metros do chão, iluminava a atividade de criaturas indistintas. Fugir não foi uma decisão. Foi uma imposição. As pernas não escolheram: seguiram em frente. A consciência nem viu quando tudo terminou, por que, provavelmente, também estava terminada.

A ignorância é audaz! É uma observação e um conselho. Se ignorância é desconhecimento a audácia da caminhada veio da não percepção de alguns detalhes. A cidade de Passa Tempo, ponto de partida, tem história e tradição no relato de observações e contatos com objetos voadores não identificados e extraterrestres. Um de seus moradores é o ufólogo Antônio Pedro da Silva Faleiro, ou Antônio Faleiro, conhecido nacional e internacionalmente neste nicho, com mais de 50 anos de pesquisa de campo, investigação e montagem de catálogos detalhados de casos. O Distrito de Morro do Ferro, de certa forma, navega nessas mesmas águas. Em 1992 construiu e inaugurou o Observatório Antônio Faleiro (ANFAL), na Serra do Estreito, cujo objetivo era a observações de pontos luminosos frequentes no firmamento da localidade, possíveis OVNIs. Por abandono e vandalismo chegou ao estado de ruína.

O terço final da caminhada foi difícil. O assombro tomou conta dos corpos zumbificando os movimentos e travando as palavras.

Os músculos doíam e os pés estrçalhados seguiam em frente. O único e mais importante objetivo em vista era apenas alcançar Morro do Ferro. Avistar a iluminação do distrito logo após a entrada para a mineração foi o incentivo para o último esforço. O plano era chegar um pouco depois que as pessoas já estivessem acordadas e buscar abrigo, descanso, algum conforto e um bom café quente na casa de um parente de um dos três, até que pudessem embarcar no ônibus da Viação São Cristóvão que saía de Divinópolis com destino a São João Del Rei. Apesar do mutismo e a falta de explicações que os parentes não deixaram de reparar, tudo se desenrolou como o pretendido.

Na rápida viagem de ônibus na volta para casa fecharam um pacto temporário de uma semana: silêncio total sobre o assunto. Eles sentiam-se muito desconfortáveis com o início da história, uma grande burrada juvenil, criticável e perigosa. Receberiam chacotas e risos por um bom tempo. Além deste desconforto não cabia o relato do que viram no meio do caminho, mesmo se espetacular e inacreditável. A espera era justificada, pois os moradores rurais daquelas cercanias naturalmente também poderiam ter testemunhado tamanha movimentação celestial. Monitoraram todas as notícias, rumores e boatos das cidades circunvizinhas, e nada. Talvez aquele povo já estivesse acostumado com este tipo de evento, por serem corriqueiros, e já não se importavam em relatálos.

Talvez tenham preguiça de voltar à mesma seara de um assunto tão batido e combatido, cujo retorno é sempre desgosto e descrédito. Calados continuaram, acometidos da mesma preguiça.

**Estes fatos nunca ocorreram, parcialmente!  
Inspirado no filme “Contatos imediatos do 3º Grau”  
de S. Spielberg**

**Imagem: site [www.uol.com.br/tilt](http://www.uol.com.br/tilt)  
In Memoriam a Marquinhos do Quito,  
companheiro de juventude.  
Fabio Antônio Caputo**



# FILHO DA LUZ E FILHO DO FOGO

Índio! Era seu nome apelido e uma comprovação de seus traços físicos que claramente antecipavam sua raça e genética: pele morena avermelhada, cabelos bastante escuro e um pouco mais longo que o usual, olhos levemente puxados e falta de pelos corporais, o que podia ser comprovado pela camisa levemente aberta no peito. Seu nome verdadeiro nunca foi pronunciado. Usava roupas simples e corretas e sempre se mostrava delicado, cortês e respeitoso, embora tímido, no trato com as pessoas. Quando apareceu na cidade poucos imaginaram que ele aqui se estabeleceria, devido a sua aparência de andarilho, chamados costumeiramente de “para-saco” por parte da comunidade e principalmente pelos mais velhos, carregando uma capanga com poucos objetos pessoais.

Por algum acordo imobiliário desconhecido passou a morar num pequeno terreno com uma casinha na Pavuna, antes que este caminho fosse utilizado como a saída preferencial para São João del Rei. Criava algumas galinhas, mantinha uma pequena horta de couve e uma plantação de mandioca. O terreiro da frente era impecavelmente e sempre varrido. Neste terreiro encontrava-se um canteiro com taioba e inhame plantados lado a lado. Duas plantas de folha muito similares, mas comer a folha de inhame por engano é bastante desagradável pela sua toxicidade.

Quando um visitante era merecedor de sua atenção ele sempre perguntava qual planta era qual, testando os conhecimentos sobre a natureza.

Tinha dotes de ferreiro. Numa pequena forja primitiva fazia pequenos serviços para ciúmes do João do Carmindo. Gostava de trabalhar a noite, aproveitando a temperatura mais amena. Quando uma nuvem de fagulhas subia recitava como um mantra: “- Sou filho da Luz, sou filho do Fogo!...”.

Nesta época era comum a peregrinação de gente de toda a parte, inclusive de São Tiago, ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, seguida por uma consulta espiritual com o famoso médium José Arigó. Esta situação insuflava um viés místico e religioso na ordem da sociedade, em ressonância com a nova onda de relatos de aparições e contatos com a Luz do Mundo.

Este fenômeno e/ou lenda não é incomum nas cidades desta redezidade, e por aqui é chamado de Luz do Mundo.

Resumidamente trata-se de uma maldição. Apesar de proibido pelas regras da Irmandade das Filhas de Maria uma jovem moça faleceu e foi enterrada com a respeitada fita azul símbolo do grupo, adornada com uma medalha de Nossa Senhora das Graças. Por esta falha a alma da moça se transformou em uma luz errante vagando pelo mundo e esperando encontrar alguém de coração corajoso que vença o medo e retire a fita acabando com a maldição.

O debate público esquentou quando um modesto proprietário rural, homem sério e respeitado, não afeito a conversa fiada, teve um encontro com a Luz do Mundo na cava da chegada do Buracão, um pouco a frente do retiro do Oriel de Assis. A aparição fez somente empinar o cavalo derrubando o cavaleiro, sumindo em seguida. O caso tornou-se público. Público também se tornou o relato de uma aparição anormalmente intensa da Luz em uma fazenda do Capão Grosso, provocando um incêndio que destruiu várias edificações de apoio em torno do curral.

Pela repercussão havida a Cúria Diocesana de Oliveira solicitou à Paróquia de São Tiago a produção de uma matéria informativa para distribuição interna. O pároco local teve a ideia de repassar o pedido para o Sr. Mauricio Jeferson Pinto, professor e músico de cultura reconhecida. Este declinou do pedido delicadamente dizendo que Dona Ermínia Caputo já havia tratado do assunto em um livro de sua autoria e que este era mais que suficiente. O Sr. Mauricio expressava suas opiniões numa reunião informal na farmácia do Sr. João Reis quando um dos presentes atento a cada detalhe proferido, analisado e categorizado, sentiu um click em sua mente e um sinal de alerta foi ligado.

Contas foram feitas, a cronologia definida, razões e motivos presumidos e um óbvio foi estabelecido. O número de ocorrências de aparições aumentou drasticamente após a chegada do Índio à cidade. As aparições sempre foram feitas de luz e agora provocavam fogo. O Índio, em sua reza particular, referia a si mesmo de filho da luz e filho do fogo.

A partir de então a sociedade passou a se comportar da forma que sempre se comporta quando enfrenta, com medo, algo que não é familiar, algo que não entende. Contrariou seus líderes civis mais conscientes.

Desconsiderou até a opinião do padre que, mesmo sabendo ser o centro do problema um não cristão, tentou sem sucesso baixar a tensão e o animo de seu rebanho na tentativa de evitar a violência. De início, os olhares enviesados que rapidamente se transformaram em encaradas ostensivas. Depois, o silêncio social constrangedor, as meias palavras, as insinuações. Por fim, agressividade explícita.

Um dia, após muita confabulação e exultantes pela certeza encontrada e firmada, uma pequena multidão resoluta partiu rumo à Pavuna antes do entardecer.

Só faltavam as tochas e as foices que sempre acompanham o linchamento dos malditos. O desejo por explicações e reparações era pulsante. Cercaram a frente da casa gritando, ameaçando e insultando. O Índio, no meio de seu terreiro impecável, calmamente virou as costas e entrou em casa.

Em pouco tempo o bom senso exigiu que todo o destacamento policial da cidade fosse deslocado para o local, tentando isolar a área, apaziguar os ânimos e evitar qualquer trapalhada. O comando foi aconselhado a equilibrar-se entre não enfurecer a turba e nem praticar uma injustiça. Adiaram qualquer iniciativa para a manhã seguinte, exceto montar uma vigia no perímetro da propriedade para impedir qualquer tentativa de fuga.

Ao surgir o primeiro pedacinho de sol para os lados de Ritópolis invadiram a casa com um nervosismo dispensável. Vazia, sem o morador e sua capanga. Os poucos sobreviventes da vigília ficaram decepcionados. A investigação nos dias seguintes foi inútil.

Mas é impossível não existir alguém com uma novidade para contar. Disseram que na madrugada uma bela e forte luz viajou a meia altura da Pavuna para a Capela de Fátima, finalizando um desenho de uma curva perfeita na ponte do Ribeirão da Fábrica.

Pacificamente, como um sopro final de respiração, desapareceu.



**Estes fatos nunca ocorreram.  
Imagem: site greenmebrasil.com  
Fabio Antônio Caputo**

# Poemas



prof. Gaio

## Mundo novo (29-01-95)

Grande me foi, ao vê-la, o seu encanto,  
 Que logo estremecei, muito contente.  
 O meu maior desejo, hoje, portanto,  
 É ter você p'ra mim, p'ra mim somente.

E assim criarmos juntos, num recanto,  
 Um lindo mundo novo, só p'ra gente.  
 Onde, abraçados nos amando tanto,  
 Possamos conviver eternamente.

Se acaso o que eu agora lhe proponho  
 For p'ra você também um lindo sonho:  
 Por que não traduzi-lo em realidade?

Somente assim veremos nesta terra  
 Toda a beleza que, com amor, encerra  
 Uma boa convivência de amizade.

## Insônia (17-02-95)

Alvas opalescências de luares,  
 No silêncio das altas madrugadas,  
 Velam, com luz diáfana, dos ares,  
 As minhas languidíssimas noitadas.

As estrelas, com rútilos olhares,  
 Espreitam-me dos páramos, caladas...  
 Indiferente e bela, a rubra Antares  
 Desliza entre as demais enciumadas.  
 No enfado das insônias matutinas,  
 Ao crebro crepitar das lamparinas,  
 Desabo-me num pranto e desatino...

Revejo, então, no fundo das retinas,  
 Evanescendo em cores opalinas  
 A estrela que luziu no meu destino.

## Endecha de saudade (24-11-95)

É tua ausência para mim, querida,  
 Dês que partiste, um lamuriar profundo.  
 Nada mais quero, nada mais, da vida.  
 É o fim de tudo que almejei no mundo.

Sonhei-te tanto que inda foras minha  
 E que seria o nosso amor eterno.  
 Mas, a esperança que, no peito, tinha  
 Perdeu-se agora num gelado inverno.

Ah! quantas noites a cismar, insone,  
 Lembrando o amor que já não mais existe,  
 Sinto, nas sombras do terrestre cone,  
 Vagar minha alma, desnorteada e triste.

Não canto mais, que emudeceu-me a lira,  
 Sentindo a falta da presença tua.  
 Em torno ao sol, a terra, inútil, gira.  
 É morta a estrela e mais não brilha a lua!

Só teu sorriso, o teu olhar e a voz,  
 O tempo ousado em mim, jamais, consome...  
 São marcas tuas que, lembrando a sós,  
 Vêm-me em consolo ao pronunciar teu nome.

E, pois que sofro ao me sentir sem norte,  
 Pobre, sozinho, sem ninguém p'ra amar,  
 Lamento o dia, desejando a morte,  
 Em que no mundo me fizeram entrar!

# Rainha do meu jardim

(2013)

Formoso, qual teu corpo em melanina,  
Teu sorriso era um sol no despontar.  
A voz tinhas melíflua e divina,  
Que tal não, nunca mais, ouvi cantar.

Se de mim te achegavas sorrateira,  
Num jeitinho de fada disfarçada,  
Oh quão feliz ficava, toda inteira,  
A minha alma, em carícias, abraçada.

Quando o sereno cai sobre as colinas  
Cobrindo, qual de incenso, a catedral,  
As folhas, orvalhadas de neblinas,  
Pingam gotas em forma de cristal.

São lágrimas que choro desolado,  
Em vão sonhando co'a felicidade  
Daquele tempo bom que, bem guardado,  
Para sempre retenho na saudade.

Do que no altar as flores coloridas,  
Tais como rosas, cravos ou jasmim,  
Ou como hortênsias, dalias, margaridas,  
Mais linda és tu, Rainha, em meu jardim

# Querida

(2014)

Amei-te! Em teu amor eu resumia  
Os sonhos que sonhei na mocidade.  
Mas, de ti, que esperar eu poderia  
Que mais fosse senão uma saudade?

Quando te conheci, naquele dia,  
Tão linda, tão formosa, e sem vaidade,  
Deste mundo já nada mais queria  
Senão te ocasionar felicidade.

Hoje, que tua ausência me tortura,  
Triste, recordo o tempo, agora antigo,  
Que tive, em teu amor, tanta ternura.  
Querida! O meu caminho agora sigo  
Sozinho, me lembrando da ventura  
Tão grande que tu foste p'ra comigo.

# Mortua Dea

(07-04-94)

Era outono, em me lembro, em tarde inesquecida,  
Em sonhos, vi surgindo uma visão bem-vinda.  
Seus olhos a fitar, eu lhe falei: Querida,  
És causa, em meu viver, de uma alegria infinda.

Risonha a imagem sua em ébano esculpida,  
Num êxtase de luz, eu contemplei tão linda.  
Hoje, na ausência dela é nada a minha vida,  
Embora a esp'rança eu tenha de revê-la ainda.

Algo, porém, me diz que, nesta vida humana,  
Eu não terei, jamais, dessa impossível diva,  
Que, na saudade, um eco a repetir-me: - - - ana!

Ah! Infeliz minha alma, assim, de amor cativa,  
Nesta prisão morrendo, em convulsões, insana:  
É morta a Deusa tua... Em outro trono viva!

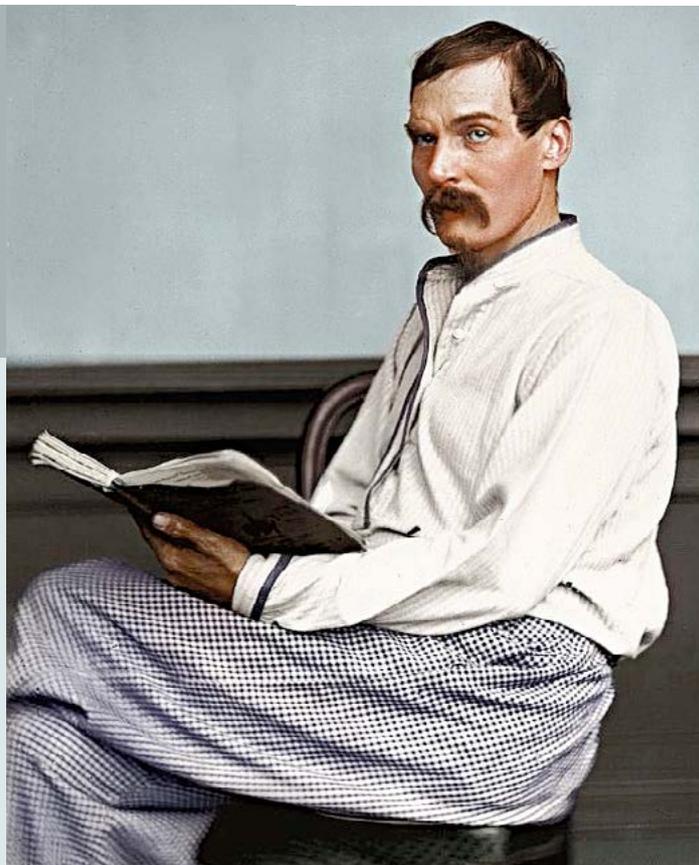
# O VIAJANTE RICHARD FRANCIS BURTON E SEU ITINERÁRIO POR NOSSA REGIÃO

**Dados biográficos** – O inglês Richard Francis Burton, uma intrigante personalidade, um dos maiores aventureiros e desbravadores de todos os tempos, nasceu em Torquaz aos 19-03-1821, filho de Joseph Neterville Burton, coronel do exército inglês e Martha Baker. Faleceu em Trieste, Itália, aos 20-10-1890. Viveu grande parte de sua mocidade na Europa Continental onde aprenderia diversas línguas: francês, italiano, alemão etc. Personalidade inquieta e rebelde, foi expulso da Universidade de Oxford. Aos 21 anos, ingressou no exército inglês da Companhia Britânica das Índias Orientais, prosseguindo intensamente no Oriente seus estudos sobre costumes, crenças e línguas nativas. Serviu ao exército inglês primeiramente em Mumbai (Índia) e posteriormente em Karachi (Paquistão), aí empreendendo as primeiras de suas diversas e arriscadas expedições. Homem de ação e de ideias, levou uma vida intensa, ocupando as mais diversas atividades ao redor do mundo: soldado, tradutor, espião (agente secreto), espadachim, geógrafo, antropólogo, escritor, linguista, poeta, orientalista.

De suas jornadas mais célebres – acompanhadas por relatos publicados em livros – destacam-se a peregrinação a Meca (1853) disfarçado de muçulmano afegão, valendo-se de sua fluência em árabe e pashtun, escrevendo a esse respeito o livro “Pilmigrage to Al-Medinah and Meccah” (1855); a entrada em 1854 na Cidade Proibida de Harar (Etiópia)<sup>(1)</sup> e ainda a chefia, ao lado do desbravador John Hanning Speke, da expedição da Sociedade Geográfica Real no interior agreste da África, onde em 1858 - enfrentando toda sorte de adversidades como doenças, motins, ataques de aborígenes - alcançou a desconhecida região das nascentes do Rio Nilo<sup>(2)</sup> tendo Burton descoberto o Lago Tanganica.

Casado com Isabel Arundell, católica inglesa. Sua postura liberal e interesses eruditos tornaram Burton uma figura polêmica e controversa na Inglaterra, despertando a fúria de puritanos. Homem sedutor, porte atlético, de forte magnetismo pessoal, envolver-se-ia, ao longo da vida, com inumeráveis mulheres. Temperamento explosivo, irascível, irônico (o que lhe renderia muitos inimigos em diversos cantos do mundo). Quando de sua morte, sua esposa ordenou a queima de diários, notas, documentos acumulados por seu marido ao longo de 40 anos, em seu périplo pela Europa, Ásia, África e América. Uma perda cultural, histórica e literária irreparável. Enfim, uma agitada vida de escândalos, ousadias, questionamentos, conflagrações que lhe marcariam até o último dia de vida!

**RICHARD BURTON NO BRASIL** – Desembarcou no Brasil em 1865 na condição de diplomata, exercendo as funções de cônsul inglês em Santos (SP). Conhecia já perfeitamente o idioma português, por ele aprendido em Goa (Índia). De sua estadia em nosso País resultaria a publicação em 1869 da obra “The Highlands of the Brazil” (“As terras altas do Brasil”) onde relata sua viagem de cinco meses pelo interior do Brasil realizada entre junho a novembro de 1867. Realizou ainda uma épica viagem de canoa pelo rio das Velhas até o Oceano Atlântico num percurso de 1850 km, dali seguindo até a cachoeira de Paula Afonso (BA), registrada em seu livro “Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico” (Itatiaia/Edusp, 1977). Visitou ainda os campos de batalha da guerra do Paraguai e no ano seguinte assumiu as funções de cônsul



inglês em Trieste (Itália) onde permaneceria por 18 anos. Nesse período, se ocupou das polêmicas traduções, em especial a partir das línguas persa e árabe, de obras clássicas orientais como “Kama Sutra” (livro erótico), de “As mil e uma noites”, “O jardim perfumado” etc. Traduziu “Os Lusíadas” de Luis de Camões para o inglês (1880).

Tinha Burton uma visão otimista de nosso País, entendendo que a colonização e investimentos em infraestrutura permitiriam ao País exercer um papel central nos rumos da humanidade.

**RIO DAS VELHAS** - Em 07/08/1867, sir Richard Burton (1821-1890) adentrava o “furioso Rio das Velhas” num par de canoas remendadas adquiridas de um alfaiate português “valendo cerca da metade do preço pago”, “a embarcação parecia mais uma velha arca de Noé”. Burton, acompanhado de três tripulantes, desceria o rio mineiro, segundo ele “um leito tortuoso, nunca mostrando uma milha à frente” daí atingindo e seguindo pelo Rio São Francisco até o mar. Suas impressões, embora “secas e duras como linhas rudes, cores escuras e cruas, sem sinal de embelezamento” anteviam o Brasil como “uma terra de promessas”, vislumbrando nas cidades nunca erguidas “expressões do infinito”. Entendia que com investimentos em infraestrutura – nunca adotados – o País teria um importante papel nos destinos da humanidade. No seu percurso fluvial, visitou Diamantina onde encontraria homens francos e belas mulheres. Observa que os mineiros ficavam incomodados, não à vontade, diante de estranhos e que por vezes “fecham os lábios e comem as palavras até que elas falem em alcançar os ouvidos” (“Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico”).

O velho Chico, na acepção de Burton - aliás por ele denominada “Mississipi brasileiro” - correndo terras adentro, representava o encontro com as riquezas e as potencialidades de uma nova civilização. “Todos os homens desta região são mais ou menos anfíbios: a canoa, como dizem, é o seu cavalo” (Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico” p. 116). Em todos os lugares por onde passou, conviveu com a população local, trazendo, para as páginas de seus relatos, personagens de carne e osso e

cenas contundentes de nosso cotidiano interiorano. Muitas vezes, nos é pouco lisonjeiro, criticando o traçado das cidades, as edificações públicas, estradas... Espanta-se o viajante, ao encontrar, já no final do século XIX, trabalhadores pobres mergulhados na água em busca de palhetas, utilizando instrumentos arcaicos como o carumbé para o cascalho, a bateia para a areia mais fina...

#### NOTAS

(1) *Os muros de Harar, um hermético centro do islamismo e também ponto de tráfico negreiro, jamais tinham sido ultrapassados por um estrangeiro. Seus líderes eram extremamente hostis até mesmo para com os cristãos abissínios. Rezava a lenda que a cidade encontraria sua ruína à entrada ali do primeiro cristão. Burton ali permaneceu por cerca de quatro meses, sendo recebido pelo governador local o Emir Ahmad III. Superstição ou não, a cidade de Harar cairia 20 anos após a visita de Burton.*

(2) *O filme "As montanhas da lua" do cineasta Bob Rafelson retrata a expedição de Sir Richard Francis Burton e John Hanning Speke em busca das nascentes do rio Nilo, representados respectivamente pelos atores Patrick Bergen e Iain Glenn*

## RICHARD BURTON EM NOSSA REGIÃO

(Valemo-nos para elaboração do presente texto da obra "Viagens aos Planaltos do Brasil" tomo 1 "Do Rio de Janeiro a Morro Velho" São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1983, 2ª ed.).

**DO RIO DE JANEIRO A BARBACENA** - Richard Burton, acompanhado pela esposa e "com um moleque chamado Chico" dirigiu-se à região de Minas Gerais, saindo do Rio de Janeiro no dia 12 de junho de 1867, utilizando-se no 1º momento de vapor (até Mauá), de rede ferroviária até Petrópolis (a que o autor denomina "excursão da Capital a Petrópolis" – p. 96). Faz amplas considerações iniciais sobre o clima local, topografia, história e o surto de febre amarela em nosso País. Dentre seus objetivos de viagem chegar à Mina de Morro Velho e dali aos planaltos (terras altas) do Brasil. Atingiria, em seu périplo, grandes extensões de nosso território como a Bahia, Centro-Oeste chegando ao Paraguai. Para se locomover em nosso País, Burton conseguira uma portaria imperial (licença especial).

De Petrópolis, partem (15/06) em direção a Juiz de Fora, utilizando-se de diligência puxada "por quatro pequenos e fogosos burros". Faz durante o trajeto observações sobre a fauna e flora brasileiras, os locais percorridos aparentemente desertos. "Muitas choças à beira da estrada parecem desabitadas, mas tal não se dá. Os habitantes estão no mato tirando cipó (salsaparrilha) que como se diz na gíria local, que fugiram durante o dia para escapar do recrutamento" (eram tempos da Guerra do Paraguai). Ao comentar sobre uma ponte construída sobre o rio Paraíba, recrimina o desperdício de recursos públicos e a interferência política. "Esta bela ponte como uma outra no Paraíba do Sul, que vale 800 contos, vai ser abandonada e já fizeram três outras para a Estrada de Ferro Dom Pedro II. É assim que se desperdiça dinheiro: um só rio tem três pontes, enquanto outros não tem uma só" (p. 106). "Um ligeiro exame do mapa demonstra ao próprio principiante que a estrada deveria seguir diretamente em direção ao norte, buscando das cabeceiras do rio São Francisco. Mas em toda parte a construção de uma estrada de ferro é uma questão político-partidária. Não seria possível, porém, uma conciliação, fazendo a linha principal seguir para o norte

e abrindo um ramal para o leste?" (p. 107). Critica o uso de queimadas, o latifúndio, as técnicas agrícolas obsoletas<sup>(1)</sup>.

Menciona a passagem pelas localidades de Três Rios, Serraria, Registro, Rocinha da Negra (São João Nepomuceno), Rio Preto, Rancharia, Paraibuna, Matias Barbosa e finalmente Juiz de Fora. Várias localidades eram ou foram postos de controle alfandegário.

Descreve Juiz de Fora como "habitual misto de miséria e esplendor" "uma única rua". Faz menção à colônia alemã ali existente "cerca de 1.000 almas em limpas cabanas..." "os habitantes pareciam pobres e desgostosos" e cita ainda o comendador Mariano Procópio Ferreira Laje e o engenheiro Henrique Guilherme Fernando Halfeld, grandes benfeitores da cidade.

Saem de Juiz de Fora dia 17/06 em duas carruagens em direção a Barbacena. Faz referências aos animais silvestres e domésticos observados no decorrer do trajeto, as más condições das estradas com seus altos e altos ("caldeirões") ou seja sem manutenção, onde os "animais velhos e cautelosos preferem antes caminhar pela lama do que por essas elevações provocadoras de quedas perigosas" e onde os "grandes engenheiros são o sol e o vento". Censura o fato de que uma estrada no Brasil após construída "é então aberta ao público e abandonada até que se estrague. Quando está consumida até os ossos (...) então abre-se, ao lado da velha, uma nova estrada, cuja sorte, ao cabo de certo tempo, será inevitavelmente a mesma" (p. 127) No roteiro percorrido, passam pelos locais Chapéu d'Uvas, Retiro, Palmira, Serra da Mantiqueira (narra as histórias que envolviam as quadrilhas, dentre elas a do Pe. Joaquim Aruda, que assaltavam tropeiros, boiadeiros e viajantes) a Serra do Ibitipoca, e após superarem o desconforto com estradas e pontos de passagens chegam a Barbacena. Faz considerações à "rejeição do brasileiro ao trabalho (...) o fato de trabalhar para os outros parece uma enorme loucura. Os verdadeiros portugueses da velha escola jamais farão qualquer coisa que possa aparecer útil às necessidades de seus vizinhos" (p. 127).

**Em Barbacena** – O autor informa as coordenadas geodésicas e altitude local "33.800 pés em números redondos acima do nível do mar" Afirma que "o clima é essencialmente temperado" tendo como atividade principal no passado o "comércio de queijos e refrescos". "Os campos de Barbacena, planuras além da Mantiqueira, erguendo-se de 3.000 a 3.500 pés acima do nível do mar, são evidentemente favoráveis à criação de gado. A principal utilidade da pecuária é presentemente a produção de queijo que se exporta para a capital do Império" (p. 167). "Os arredores de Barbacena são geralmente áridos, encerram atualmente muito pouco ouro e é, por assim dizer, unicamente devido à passagem das caravanas que esta vila deve sua existência" Discorre sobre a arquitetura, dados demográficos ("sua população do município em 1864 era de 23.484 almas") a história local com enfoque especial sobre a Revolução de 1842<sup>(2)</sup> "A branca cidade de Barbacena situada no alto do morro espalhou-se em forma de cruz ou T..." "A rua principal, rua do Rosário, é perpendicular, correndo mais ou menos na linha norte-sul..." "As duas principais ruas comerciais não são calçadas no centro..." "As casas são geralmente de porta e janela" "O material de construção predileto é o famoso adobe, bairro em tijolos secos ao sol" "Algumas construções tem alicerces de pedra (...) as calhas do telhado são descomunalmente salientes" "As primitivas hospedarias são ainda em grande número" O autor descreve, ademais, os oratórios "característicos de todas as antigas cidades de Minas", as fachadas e interiores das igrejas que lhe provocam reações não muito efusivas ou elogiosas (pp. 154/158).

"Chocado pela selvageria de um branco surrando um cão – um espetáculo raro no Brasil, em que a humanidade para com animais é regra (...) fui informado de que era um italiano". "Muitos imigrantes desse povo em São Paulo e mais ainda em Minas (...) não gozam de boa fama (...) regridem ao italiano do século XVI: tenebroso, velhaco e sem escrúpulo..." Inclusive sacerdotes "jesuítas de cor biliosa" que abusavam da credulidade popular – tudo documentado, segundo o autor: "venderam as 'verdadeiras lágrimas de Nossa Senhora' em rosários, impingiram farrapos como relíquias de santos

e venderam ‘passaportes para o céu’ (p. 159) Burton relata ainda suas visitas ao Hospital de Misericórdia fundado pelo Dr. Antonio José Ferreira Armond (1798-1852) e ao jardim do Dr. Pedro Victor Renault de Sierck<sup>(3)</sup> vice-cônsul da França e que foi cicerone de Burton em Barbacena. O viajante menciona a potencialidade do cultivo de frutas na região – peras, maçãs, ameixas, amoras, pêssegos – que “crescem bem e são dignas de serem melhoradas”. Refere-se outrossim à “esperteza” (tunga) dos brasileiros, que tratando bem o hóspede, no caso, quando do acerto com o dono da hospedaria – “extrema cortesia de maneiras que caracteriza o povo, impede que o cavalheiro perceba que foi roubado” (p. 169).

O autor faz um inteligente histórico sobre o complexo sistema monetário brasileiro, incluindo as divisões do real (p. 166) desde o reinado de D. João VI, com a troca (proibição) de circulação de ouro em pó, a introdução de barras e moedas de ouro, o que se estenderia até 1864, ano em que se passou à emissão de papel moeda (real/réis) com lastro – não mais em ouro – mas em cobre. Opina o autor: “Qualquer metalista (...) calculará o resultado dessa ilusória circulação de papel. É fatal à economia. Duplica as pequenas despesas e o seu efeito é que enquanto o Brasil exporta para a Europa ouro e diamantes, café e cacau, algodão, tabaco e açúcar, não recebe em troca senão o rebotalho, o refugo do mercado entregue pelos mais altos preços possíveis” (p. 165). O que acontece até hoje: exportamos commodities, matéria prima bruta a preço vil e importamos o produto industrializado por preços exorbitantes... Nada mudou em mais de século e meio!!!

**RUMO A BARROSO** - Tendo como objetivo atingir Morro Velho, deslocam-se de Barbacena, utilizando burros de carga e cavalos com parada em Barroso “uma marcha de cerca de cinco léguas” O autor escreve: “nosso caminho de cavalos varava por montes e vales” “muitas voltas” “horribéis descidas de terra pedra com pedras roliças e os esbarrancados eram de tamanho monstruosos...”. Burton, com certa ironia, observa que os caminhos no Brasil são longos e sinuosos, nunca em linha retilínea, porque “os antigos seguiam o sistema dos selvagens” ou seja bandeirantes do passado e posteriormente os engenheiros e construtores de estradas, decerto, continuam seguindo as antigas trilhas indígenas (pp. 175/176). Para comprovar isso, basta ver o traçado de nossas atuais rodovias...

Sobre Barroso esclarece: “A pequena vila orgulha-se de uma igreja de Nosso Senhor do Bom Jesus de Matozinhos do Barroso, de uma capela de N. Sr<sup>a</sup> do Rosário e de uma praça pela metade com as duas lojas de costume de secos e molhados. As construções limpas e brilhantes (...). Cada casa tem seu quintal de flores, árvores frutíferas e legumes (...). Tal era Barroso (...) um distrito do município de Barbacena” (pp. 175/176). Faz menção ainda às hospedarias da época e cardápios servidos (p. 177).

**DE BARROSO A SÃO JOÃO DEL-REI** - A comitiva parte de Barroso às 4:30 da madrugada, atravessando “campos com tons amarelos com capim grosso e baixo, perfumado com os rosmaninhos do campo”. Faz referências, no trajeto, a rancho a meio caminho do rio Elvas, à bacia do Rio das Mortes, à Serra de São José “escarpadas linhas de montanhas”, a chegada ao arraial de Matozinhos, onde assiste a procissão de Corpus Christi, a entrada em São João Del-Rei, hospedando-se no Hotel Almeida de propriedade de Joaquim José de Almeida, onde se encontra com dois compatriotas ingleses, Dr. Lee e Carlos Copsy, com atuação profissional na cidade. Faz longa dissertação sobre a guerra dos Emboabas. Refere-se ao “bimbalhar dos sinos” a que denomina “fogueira de música, uma tempestade de sinfonia” (p. 187), ao riacho São João (Lenheiro) que “corre através da cidade”, às “pontes de estilo antigo de sólida pedra”, “alvas construções” “casas altas, pesados templos” ao lado de considerações sobre vultos históricos, as origens mineradoras da cidade, aspectos demográficos, dados populacionais, classificando-a como “terra pobremente povoada”. “A cidade tem cerca de duas milhas de extensão (...) e contém 10 quarteirões, 24 ruas e 1600 casas, das quais 80 assobradadas” (p. 193).

Cap. XI do livro – descreve passeio por São João Del-Rei “coman-

dados por Mr. Copsy”, deslocando-se pela Câmara Municipal, Externato São João (antigo Colégio Duval) que lhe merece elogios dado seu padrão “aristocrático”, além de duas outras instituições locais de ensino (não nominadas pelo viajante); visitas à Santa Casa de Misericórdia, igreja de São Gonçalo Garcia (“o edifício não passa de um telheiro inacabado, arruinado pelo tempo e sem dúvida custará muito a se transformar numa decente casa de Deus” p. 197). Descreve sobre a “arquitetura eclesiástica desta parte do Brasil” dado seu “estilo pesado e esquisito” “A primeira impressão produzida sobre o estrangeiro é a de um vasto paiol”<sup>(4)</sup>. Quanto à Igreja da Ordem Terceira de São Francisco afirma estar “construída na parte mais alta da praça”, causando-lhe controversa impressão quanto ao processo arquitetônico e a decoração estatuária. Subestima o trabalho de Aleijadinho. A visita se estende a outros pontos como Igreja de Senhor Bom Jesus do Bonfim, Correios, ponte do Rosário, rua da Prata em más condições de trânsito (“tanto a calçada quanto a rua são atrozés”)<sup>(5)</sup>. censura a petulância de portugueses “pródigos de fidalguia e altivez”, que plebeus no Velho Mundo, compravam títulos e fundavam famílias no Novo Mundo”.

Sobre o conjunto da igreja de Nossa Senhora do Rosário, o autor é sobejamente preconceituoso (“extravagâncias e grosserias apresentavam na cor e na forma” “cemitério melhor que a igreja”. Iguamente lacônico sobre a igreja matriz de Nossa Senhora do Pilar (“as matrizes em geral estão sempre naturalmente carecendo de uma última demão”. Descreve ainda suas visitas à igreja de Nossa Senhora do Carmo e à capela dos Mercedários, enaltecendo os “gostos altamente literários” da cidade em que “os cidadãos são tidos como altamente inteligentes, dados ao estudo e sequeiros de informações” Informa sobre as explorações auríferas no entorno da cidade (“antigas lavras de ouro”) e os enormes estragos deixados(betas). “Era aqui o verdadeiro Eldorado (...) todo perfurado e destruído por causa do ouro com poços, escavações e cortes, agora cheios de areia e convertidos pelo tempo em despenhadeiros...” Traz informações sobre a St. John del Rey Gold Mining Company Limited, seu histórico de atuação até 1835, esclarecendo que “terminou em São João Del Rei a idade do ouro nº 2. Desde esse tempo a “mãe do ouro” tem reinado com pouco embaraço”.

A presença dos visitantes atrairia a curiosidade geral em especial dos jovens, circunstância enaltecida pelo viajante (“A curiosidade dos jovens promete muito – sem curiosidade não há pesquisa” p. 208). Aborda a relativa decadência econômica local “muitas casas estavam para alugar-se e havia sinais de depreciação da propriedade em São João desde o fim de sua segunda e última idade do ouro” “A indústria da cidade está em nível decrescente” (p. 212). Fala sobre a pecuária, agricultura, a “salubridade dos campos” “grandes extensões de terra baixas admiravelmente próprias para o cultivo do algodão, que se pode tornar uma fonte de riqueza” (p. 212). Focaliza o rumoroso processo movido pela Inquisição contra o Pe. Pontes, religioso que, de forma forjada e fraudulenta, casara-se, envolvendo seriamente outros sacerdotes locais.

Segundo o historiador Afonso de Alencastro Graça Filho, quando da passagem de Richard Burton (1867), a economia da região de São João Del-Rei se recuperava da regressão de 1861-1865, fruto então do declínio dos preços. A fase de alta começara a se esboçar em 1866 (In “A Princesa do Oeste e o mito da decadência – São João Del Rei” p. 229). A cidade apresentava, ademais, deficiências em sua infraestrutura urbana, com ruas importantes não calçadas ou mal conservadas, o leito coberto por cascalho.

**SÃO JOSÉ DEL-REI** - Em seu caminho para São José Del-Rei, o autor faz referências à “ponte de Santiago” “uma disparatada moldura de madeira mal acabada, com teto de telhas e pavimentação de areia de sessenta jardas de comprimento” Esclarece mordaz que “as autoridades compraram-na ultimamente por 600 libras, passando ela, assim, a correr todo o risco de ruína” (p. 217). Menciona as “calmas ou termas de São José, mais conhecidas como ‘Água Santa’ (...) boas para reumatismo e ricas em muriato de magnésio de sódio” (pp. 217/218), a Casa da Pedra, a igreja da Trindade “a cidade de São José, singular e romântica, surgida aos nossos pés”, o

“calçamento ingreme ainda pior do que o de São João”.

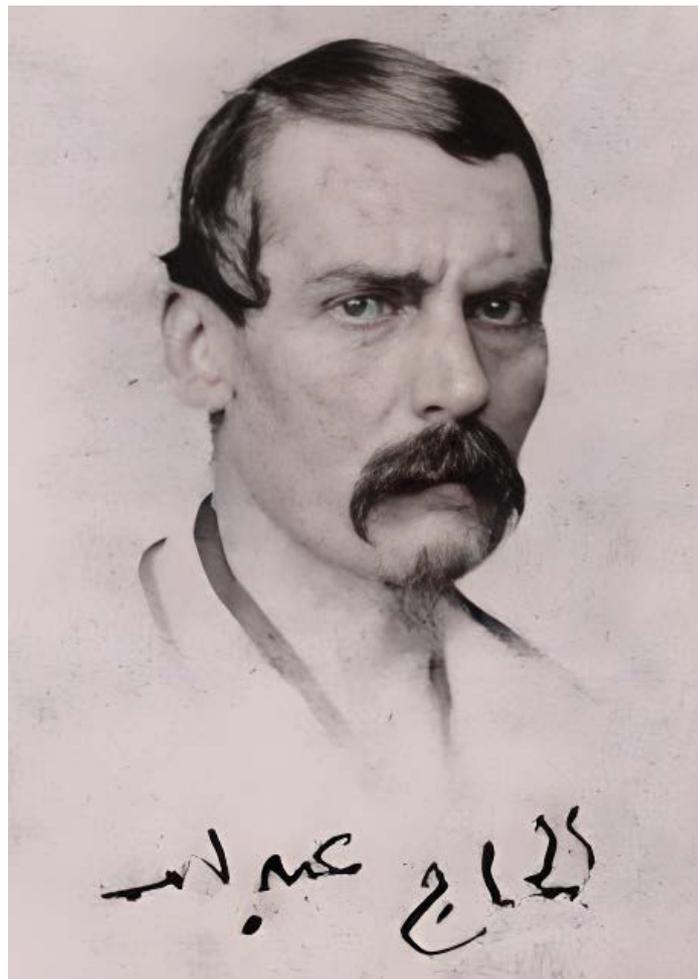
Sobre a Matriz de Santo Antonio: “segundo os cronistas, a mais bela e majestosa da Província” “construída em cerca de 1710 por Marçal Casado Rotier” coadjuvado “por uma turma de 200 escravos” “Estilo barroco ou jesuítico antigo” “a nave retangular com afrescos de arte muito pobres” “teto meio hexágono com painéis não mal executados”. Menciona, ademais, as capelas laterais e capela mór, púlpitos, “o coro de formato estranho com lugar para um órgão tido como o melhor em Minas”, pinturas, retábulos, imagens, sala dos milagres, sacristia etc (pp. 220/221). Disserta sobre a história da fundação do arraial, a presença inicial de aventureiros em busca do ouro e a presença, a partir de 1828, de mineradoras inglesas na região. O comércio paralisado com a decadência e desativação dos teares e fabricas de linho nativo e algodão e ainda as “belas cerâmicas de boa argila e oito fornos que produziam por ano 3.000 alqueires de cal”. Refere-se – e censura o ostracismo a que foi relegado - o poeta José Basílio da Gama, autor do poema épico “Uraguai”, filho de São José Del-Rei, onde “não existe uma pedra em sua honra” (p.221).

**LAGOA DOURADA** - Saindo às 4:50 da manhã do dia 23 de junho em direção a Lagoa Dourada, Burton faz ácidos comentários quanto ao itinerário: “tortuosa passagem da terrível serra de São José” “uma infundável parede de pedra ligeiramente inclinada e escorregadia para todos os lados” (p. 226), e dessa forma alcançando o Rio Carandaí com seus contextos “terrivelmente sonolentos, enregelados e esfalfados”. Descreve aspectos da flora e vegetação e um certo vazio demográfico e econômico: “o caminho era todo de altos e baixos” “por aquelas milhares de jeiras quadradas havia somente duas fazendas bem servidas” (p. 227). Após “três longas e mortais léguas nos arrastando até perto do pôr-do-sol” atingem Lagoa Dourada. Era véspera da festa de São João, a vila estagiando-se para as comemorações.

“Uma só rua, a forma favorita das povoações à moda antiga no Brasil” “Umás cinquenta casas térreas com imensos beirais (...) espalham-se pela margem meridional de um córrego que corta o fundo minúsculo”. Uma população de 600 almas e visitantes domingueiros” assim o viajante inglês descreve a localidade, fazendo referências, ademais, às várias igrejas e capelas – uma igreja em destroços dedicada a São João; a matriz de Santo Antonio velha e com antiquado campanário e duas capelas Mercês e Rosário. Hospedam-se numa “espécie de choupana, cujos quartos de dormir estavam vergonhosamente imundos (...) o chão de terra batida...” (p. 227) ao lado de comentários sobre as comemorações do dia de São João, a fogueira, os mastros, as superstições, credices e pedidos dos moradores junto ao santo. Afirma ainda”. A vila é sem importância, mas sua localização é notável, dada a sua altitude” por ser o “espigão mestre ou geral da serra das Vertentes” (pp. 229/230).

Enumera as atividades dos engenheiros e técnicos ingleses ali en-

volvidos na construção da linha de estrada de ferro interligando os vales do Paraíba e São Francisco, incluindo as discussões junto às autoridades imperiais sobre os possíveis trajetos da ferrovia pelos vales dos rios Pará, Paraopeba e Velhas (p. 236)<sup>(6)</sup>. Comenta quanto a opíparo jantar e eventos lúdicos (coreto) organizados pelo inglês sr. Whitaker, destacando-se o sr. Cipriano Rodrigues Chaves “que se distinguiu notavelmente tanto cantando quanto discursando” (p. 237). Nesse jantar, segundo o viajante, foi-lhe servido um prato chamado “mexeriboca” com carne de porco, carne seca, galinha, farinha, feijão e muita pimenta. Conclui o viajante: “Passei muitos Natais menos alegres na alegre Inglaterra. Custaremos a esquecer a festa em Lagoa Dourada no ano da graça de 1867” (p. 238) dali se dirigindo a Congonhas do Campo com destino final à mineração de Gongo Soco, hoje no município de Barão de Cocais.



#### NOTAS

(1) *Questiona Burton*: “As consequências dos latifúndios aqui foram as mesmas que na França, nos estados do sul da União Americana e na Inglaterra. Quando será que os economistas apreciarão diretamente os benefícios da repartição de terras?” (nota 45, p. 118)

(2) *Sobre a Revolução Liberal de 1842* ver matéria em nosso boletim nº CIII – abril/2016.

(3) *Dr. Pedro Victor Renault de Sierck* era engenheiro civil e ainda médico homeopata. Como engenheiro de obras, explorou a serviço do Império o Vale do Mucuri. Empreendedor e filantropo, esteve à frente de todos os melhoramentos da cidade barbacenense. Manteve-se imparcial na Revolução de 1842, protegendo e salvando a muitos perseguidos políticos da época.

(4) *Outro viajante inglês, James Wells*, que percorreu e trabalhou em Minas Gerais, quase à mesma época da passagem de Richard Burton, descreve muitas das igrejas em localidades interioranas mineiras como “celeiros”. Sobre James Wells, ver matérias em nosso boletim nº CLXXIII – fev./2022.

(5) *A mordaz observação do viajante*, uma crítica à mania de se construir igrejas (“notamos muitas ermidas ou pequenos oratórios espalhados pela cidade” p. 208) é uma menção, ademais, a certo guarda-mor de São João Del-Rei que ordenara ao arquiteto, que construísse a igreja de São Caetano, que fizesse “a capela-mor maior do que a nave”. A mencionada igreja viria a desabar em 1864, referindo-se daí o autor que “o velho provérbio - ‘quanto mais perto da igreja, mais longe da graça’ - tem uma grande significação por todo o Brasil – a idade da fé deve seguir-se à idade do trabalho ou melhor, as estradas construirão igrejas, mas as igrejas não farão estradas” p. 207.

(6) *Esclarece Burton*: “O Pará passa a oeste de Pitangui e cai no São Francisco cerca de 19°30’ latitude sul. Infelizmente, a grande serra divisória que precisa ser transposta via Santa Rita, Laje e Desterro avança em muitos contrafortes com numerosos e notáveis declives, exigindo longas voltas, tuneis, pontes e outros trabalhos dispendiosos” (p.236).

# PARLENDAS

A parlenda é um gênero oral e popular culturalmente direcionado às crianças, por apresentar linguagem simples e de fácil memorização.

Desde pequenos estamos em contato com a literatura, em um primeiro momento através de gêneros orais como as cantigas de ninar, as cantigas de roda, as fábulas e as parlendas. Conheça mais sobre esse último gênero a seguir: saiba o que são, quais as características e veja exemplos de parlendas!

## O QUE SÃO PARLENDAS?

### Palavra Cantada

A palavra parlenda é derivada do termo latino *parlare*, que significa “falar”, “conversar”. Assim, parlenda é um gênero poético introduzido no folclore brasileiro e disseminado pela cultura popular. Corresponde a um conjunto de palavras de caráter lúdico e nem sempre com nexo, geralmente recitadas com acompanhamento musical. Convencionou-se direcionar as parlendas ao público infantil, como forma de entretenimento e diversão.

As parlendas são muito utilizadas pelas escolas na educação da primeira infância, para fomentar a sociabilidade e o desenvolvimento da memória das crianças através das brincadeiras coletivas.

### Características das parlendas

As parlendas apresentam pequenos versos, geralmente com rimas, de linguagem simples e atrativa. O conteúdo temático é de caráter lúdico, para entreter e aguçar a imaginação dos ouvintes. As parlendas apresentam muitos jogos de palavras, onomatopeias e repetições, em um plano sonoro de ritmo e melodia bem marcados; por isso, sua estética é construída pela sonoridade.

### 12 parlendas populares

Há parlendas para brincar de dizer ou escolher algo, brincar com a memória, com trava-línguas, com números e jogos de bate-mão ou até mesmo para pular corda. As parlendas também são comuns nos folguedos populares (festas folclóricas ou religiosas); um exemplo clássico é o estilo tangolomango, uma parlenda longa que conta uma história. A seguir, listamos parlendas populares para você conferir:



Uni, duni, tê  
Salame mingué  
O sorvete colorê  
O escolhido foi você!



Dedo mindinho,  
Seu vizinho,  
Pai de todos,  
Fura bolo,  
Mata piolho.



O rato roeu a roupa  
do rei de Roma.  
E a rainha, de raiva,  
roeu o resto.

Lá em cima do piano  
Tinha um copo de veneno  
Quem bebeu, morreu  
O azar foi seu!



HOJE É DOMINGO

Hoje é domingo  
Pé de cachimbo  
O cachimbo é de barro  
Bate no jarro  
O jarro é fino  
Bate no sino  
O sino é de ouro

Bate no touro  
O touro é valente  
Bate na gente  
A gente é fraco  
Cai no buraco  
O buraco é fundo  
Acabou-se o mundo.

A galinha do vizinho  
 Bota ovo amarelinho  
 Bota um, bota dois, bota três  
 Bota quatro, bota cinco, bota seis  
 Bota sete, bota oito, bota nove  
 Bota dez!



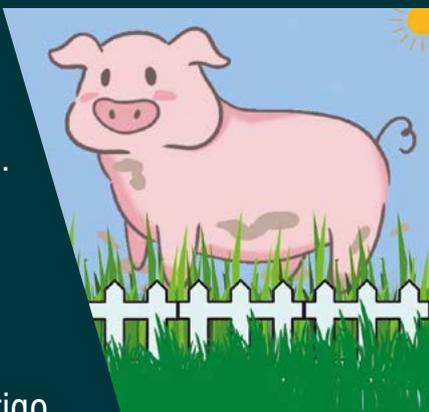
Um, dois  
 Feijão com arroz  
 Três, quatro  
 Feijão no prato  
 Cinco, seis  
 Falar em inglês  
 Sete, oito  
 Comer biscoito  
 Nove, dez  
 Comer pastéis.

Quem errar é um capeta.  
 Com quem você  
 Pretende se casar?  
 Loiro, moreno  
 Neguinho, sarará  
 Rei, capitão  
 Soldado ou ladrão  
 Mocinho bonitinho  
 Do meu coração  
 Suco gelado  
 Cabelo arrepiado  
 Qual é a letra  
 Do seu namorado  
 A, B, C...  
 Aonde você  
 Pretende morar?  
 Casa, apartamento  
 Chiqueiro ou galinheiro

Batalhão, lhão, lhão,  
 Quem não entrar é um bobão.  
 Abacaxi, xi, xi,  
 Quem não sai é um saci.  
 Beterraba, aba, aba,  
 Quem errar é uma diaba.  
 Borboleta, leta, leta.

Galinha choca  
 comeu minhoca  
 saiu pulando  
 que nem pipoca

Cadê o toucinho daqui?  
 O gato comeu.  
 Cadê o gato?  
 Foi pro mato.  
 Cadê o mato?  
 O fogo queimou.  
 Cadê o fogo?  
 A água apagou.  
 Cadê a água?  
 O boi bebeu.  
 Cadê o boi?  
 Foi amassar o trigo.  
 Cadê o trigo?  
 A galinha espalhou.  
 Cadê a galinha?  
 Foi botar ovo.  
 Cadê o ovo?  
 O padre comeu.



## TANGOLOMANGO

Eram nove irmãs numa casa  
 Foram fazer biscoito;  
 Deu o tangolomango numa,  
 Não ficaram, meu bem, senão oito.  
 Estas oito, meu bem, que ficaram  
 Foram jogar os três-sete;  
 Deu o tangolomango numa  
 Não ficaram, meu bem, senão sete.  
 Estas sete, meu bem, que ficaram,  
 Foram todas jogar o xadrez;  
 Deu o tangolomango numa,  
 Não ficaram, meu bem, senão seis.  
 Destas seis, meu bem, que ficaram,  
 Uma foi limpar o brinco;  
 Deu o tangolomango nela,  
 Não ficaram, meu bem, senão cinco.  
 Destas cinco, meu bem, que ficaram,  
 Uma foi lavar um prato;  
 Deu o tangolomango nela,  
 Não ficaram, meu bem, senão quatro.  
 Destas quatro, meu bem, que ficaram,  
 Uma foi aprender o francês;  
 Deu o tangolomango nela,  
 Não ficaram, meu bem, senão três.  
 Estas três, meu bem, que ficaram,  
 Foram todas correr as ruas;  
 Deu o tangolomango numa,  
 Não ficaram, meu bem, senão duas.  
 Estas duas, meu bem, que ficaram,  
 Foram comprar uma varruma;  
 Deu o tangolomango numa delas,  
 Não ficaram, meu bem, senão uma.  
 Esta uma, meu bem, que ficou,  
 Foi à igreja fazer oração;  
 Deu o tangolomango nela,  
 E acabou-se de todo a geração.

Lembrou de alguma parlenda que você já ouviu durante a infância? Além dos exemplos citados aqui, existem inúmeras outras parlendas espalhadas pelo Brasil, que tematizam aspectos da cultura local de cada região.

Conforme você viu, as parlendas fazem parte do folclore brasileiro e podem tratar dos mais diversos temas a partir de uma linguagem simples e ritmada; por isso, a maioria delas é de domínio público. Que tal aprender sobre outro gênero da literatura oral? Conheça também as características das fábulas!



**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO TIAGO**



CNPJ: 17.749.904/0001-17  
Praça Ministro Gabriel Passos, 681 | Centro | São Tiago | MG | CEP 36.350-000.  
www.saotiago.mg.gov.br | prefeitura@saotiago.mg.gov.br  
Fone: PABX (32) 3376-2800

OFÍCIO Nº: 042/2024 – GABINETE DO PREFEITO.

EMENTA: Resposta

São Tiago, 08 de fevereiro de 2024.

**Ao Instituto Tiago Apóstolo**

Com meus cordiais cumprimentos, venho através deste apresentar a resposta do executivo municipal a respeito da matéria sobre a supressão das árvores em vias públicas.

No mês de agosto de 2023 o Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente (CODEMA) diante dos laudos técnicos de alguns exemplares de árvores expedidos pelos biólogos do Consórcio CIGEDAS, decidiu pela supressão das mesmas. As árvores com altura média de 12 metros e idades avançadas apresentavam, cupins, formigas, brocas e podridão, causando o risco de queda. Sendo assim, no mês de novembro de 2023, 12 árvores foram suprimidas dando espaço ao projeto de arborização urbana municipal. No mês de janeiro foram plantadas e replantadas 75 árvores nas vias públicas, é importante lembrar que o projeto segue um plano de arborização, com variedades de espécies adequadas, respeitando espaçamento entre as mudas, distanciamento de fios de energia, garagens, esquinas, bueiros, ligações de água e esgoto etc. Nesta primeira fase serão plantadas até abril do corrente ano, 200 árvores em 12 ruas do município. Na segunda fase até o final do ano de 2024 o projeto continuará em vigor. Manutenções serão feitas para deter pragas e fungos nos exemplares já plantados e nos vindouros. Dessa forma a administração municipal vem trabalhando para a compensação em relação as árvores suprimidas e a continuação do projeto de arborização.

Sem mais para o momento, manifesto meus votos de estima e consideração.  
Atenciosamente:

*Recibido 08.02.24  
M. Souza*

**MARCOS VINÍCIUS SOUSA LARA**  
Secretário Municipal de Administração

# Padre Donizete Antonio de Sousa

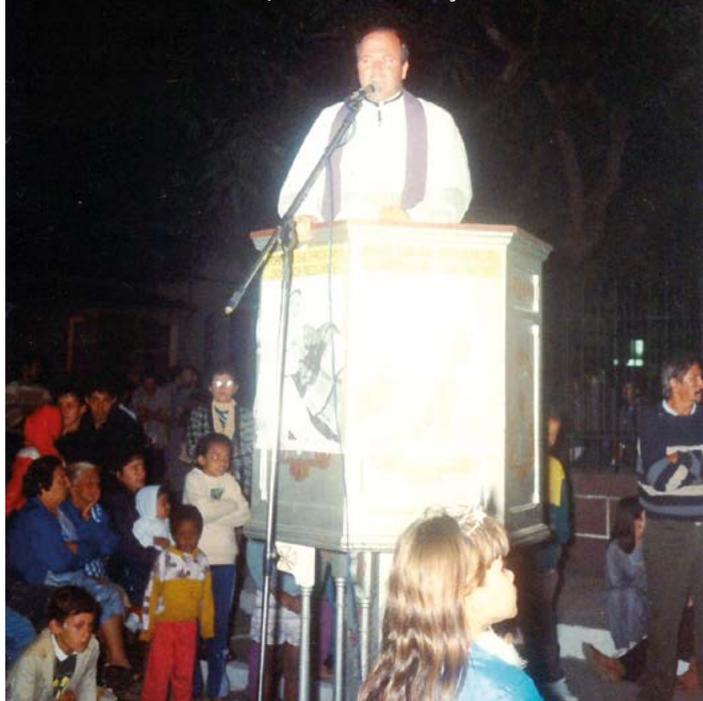
Nasceu em Cristais-MG, aos 8 de outubro de 1957.

Iniciou os estudos em sua terra natal. cursou o segundo grau no Colégio Agrícola Diaulas Abreu, em Barbacena. cursou Filosofia no Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora Auxiliadora em Pouso Alegre e Teologia no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário em Caratinga.

Instituído Leitor e Acólito em Bom Sucesso aos 17 de janeiro de 1985. Ordenado Diácono em 05 de julho de 1986 na Igreja Nossa Senhora do Rosário em Cristais e ordenado Presbítero (Padre) em 06 de fevereiro de 1988, em sua terra natal.

## ATIVIDADES EXERCIDAS:

- Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Desterro, em Desterro de Entre Rios de 06/03/1988 a fevereiro de 1993.
- Pároco da Paróquia São João Batista (Morro do Ferro) de 1993 a 1995.
- Pároco da Paróquia Senhor Bom Jesus de Campo Belo, em seguida (1995).
- Posteriormente, Pároco da Paróquia São Sebastião e de Nossa Senhora Aparecida em Oliveira.
- Em seguida, Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, em Campo Belo, onde permaneceu até o seu falecimento.
- Foi nomeado Reitor do Seminário Nossa Senhora de Oliveira em Belo Horizonte, de 1989 até 1995, acumulando a função de Pároco de Desterro e, posteriormente, de Morro do Ferro, demonstrando em tudo grande zelo apostólico.
- Cofundador da Associação Particular Betânia.
- Ecônomo Diocesano, membro do Conselho Presbiteral, Redator do Jornal Vida Diocesana, Coordenador de Pastoral, Coordenador da Pastoral Litúrgica, Cerimoniário Diocesano, Colaborador da Escola Catequética Pio XII e, ultimamente, Diretor Diocesano do Apostolado da Oração.



Semana Santa 1995 – sexta-feira da Paixão – Descendimento da Cruz

O Padre Donizete, enquanto seminarista, muito colaborou com Monsenhor Elói ajudando-o na organização de festas como a inauguração da Capela de Fátima com o nome de Capela do Senhor dos Montes; organização de festejos homenageando os ex-combatentes da FEB (Força Expedicionária Brasileira), na organização dos



1ª missa do Pe. Donizete em São Tiago – 28/02/88

eventos para celebrar os 25 anos de sacerdócio do Padre Nilson Reis Mendes, participou ativamente dos preparativos para a celebração religiosa das Bodas de Ouro Sacerdotais de Monsenhor Elói. E depois, como Padre, veio celebrar na Igreja Matriz sua primeira missa, com os amigos de São Tiago em fevereiro de 1988.

Posteriormente, participou de algumas celebrações em nossa terra como Sermão do Descendimento da Cruz, na sexta-feira da paixão (1995), festas do Padroeiro e ultimamente nas homenagens ao Coração de Jesus, que se realizam no mês de junho, porque ele era o Diretor do Apostolado da Oração na Diocese de Oliveira.

Sacerdote culto, inteligente e dedicado. Exercia com esmero seu apostolado.

Exigente e cauteloso nos encargos que lhe eram confiados.

Padre Donizete foi um sacerdote alegre, vibrante e brincalhão. Seu entusiasmo era contagiante.

Sua responsabilidade e gosto ao executar o que lhe era solicitado, causava admiração. Certa vez ouvi do Padre Carlinhos: “O que se entrega à responsabilidade do Donizete, pode deixar, pode ficar tranquilo porque o resultado sai melhor do que lhe foi pedido”.

Trabalhador e criativo, mas muito cedo teve sua saúde debilitada, chegando até a receber implante de um rim.

Porém, nunca desistiu, nunca se entregou.

Filho exemplar, cuidou carinhosamente de sua mãe, D. Zica, que faleceu aos 100 anos de idade.

Era grande admirador de Monsenhor Elói, partilhava com ele o entusiasmo pelo Exército, FEB e História.

Dizia Padre Donizete: “A Capela do Senhor dos Montes é uma confusão. Monsenhor misturou tudo ali, mas já virou história. Ninguém irá acabar com aquilo”.

Por onde passou, este sacerdote deixou marcas importantes. Dever ser lembrado e respeitado por sua história e seu carisma.

São Tiago também o reverencia, com saudades.

Faleceu, repentinamente, em 17/01/23 deixando recordações e muita amizade.

**Cairu - Membro do IHGST**

# PLEIADES - NOSSO FASCINANTE ITINERÁRIO SIDERAL

**“Meu trabalho é informar, não convencer”**

*(Santa Bernadette Soubirous)*

Nosso sistema solar, pertencente à Constelação de Touro, gira em torno de Alcione, poderosa e portentosa fonte irradiadora de fótons, estrela central e de terceira grandeza do sistema das Plêiades<sup>(1)</sup>. A órbita de nosso sistema em torno de Alcione é de cerca de 12.000 anos terrestres, sendo que passamos 9.800 anos fora (distanciados) do cinturão de luz e 2.200 anos imersos na irradiação luminosa/fotônica de Alcione. É o que afirmam estudiosos do complexo assunto.

Alcione (Eta Tauri) é estrela de tipo especial B7III, possuindo uma declinação de + 24°, magnitude absoluta - 2,41 e magnitude aparente 2,85. Na mitologia grega, Alcione, filha de Atlas, foi abusada por Posidon, tendo o filho Hineu (ver nota 3). Segundo os astrônomos, trata-se de um sistema quadruplo, a saber: Alcione A, astro gigante de 3ª grandeza, com luminosidade 1.400 vezes a do sol, com velocidade rotacional de 215km/s; Alcione B e C, estrelas anãs brancas, formando um duplo com distâncias entre si de 0,031 arcseg; Alcione D que orbita Alcione A na magnitude + 8,7.

O aglomerado das Plêiades possui mais de 1.000 corpos celestes ligados gravitacionalmente, em grande parte anãs marrons, sendo que cada uma delas tem cerca de 8% da massa de nosso sol. São (as Plêiades), pois, um cluster ou conjunção de estrelas - cerca de 500 já catalogadas - formadas há mais de 100 milhões de anos e que, desde os tempos antigos, influencia(ra)m a cultura e as tradições das inúmeras civilizações terrestres.<sup>(2)</sup> É, talvez, a mais bela das nuvens estelares próximas à Terra, a todos extasiando e intrigando. Sua denominação “Pleios” em grego, significa “pleno”, “cheio”, “muitos”. Para outros etimologistas, viria de “plei”, palavra grega que significa “navegar”<sup>(3)</sup>. A palavra “plêiade” adquire ainda o sentido de pessoas reunidas em prol de elevados interesses comuns; assembleia de pessoas cultas e ilustres. Aparecem, por vezes, citadas na Bíblia e outros antiquíssimos livros religiosos<sup>(4)</sup>.

Várias estrelas de Plêiades são vistas, a olho nu, à noite, reconhecidas e admiradas desde a mais remota antiguidade. Acham-se próximas de outras famosas estrelas da constelação de Touro, como Aldebaran, esta de cor brilhante vermelho-alaranjado, lembrando um V e conhecida como “o olho de Touro”. A beleza das Plêiades, segundo astrônomos, é fortalecida por sua situação celeste, acerca de 4 graus da eclíptica, quando alguns de seus astros são ocultos pela lua e/ou por planetas de nosso próprio sistema solar, oferecendo um belo espetáculo natural. Tanto as Plêiades quanto Aldebaran são vistas próximas (à esquerda) de Vênus. Sete das estrelas de Plêiades se destacam, sobremaneira - Mérope, Maia, Alcione, Asterope, Electra, Taigetes, Celeno e que são, segundo a mitologia grega, as sete irmãs ou as sete filhas do titã Atlas e Pleione<sup>(5)</sup>.

Desde 2012, dizem alguns esotéricos, reemergimos/reintroduzimo-nos nesta esfera de luz (fótons), o que prognostica mudanças marcantes na vida terrestre, mormente de ordem telúrica - sinistros como erupções de vulcões, maremotos, terremotos, além de

distúrbios climáticos, bélicos e sociais, ao lado de grandes transformações de ordem política, religiosa, comportamental e afins.

Ressalte-se que a vida, em sua evolução e grandeza, pulula em todo o cosmos. Nada é estagnado. Tudo o que existe é interrelacionado no tempo, espaço e causalidade, vivendo nós momentos de notáveis transformações planetárias. Para muitos, mera fantasia ou paranoia. Mas, quem tem ouvidos de ouvir e olhos de ver, que ouçam e que vejam...

ELOS CIVILIZATÓRIOS ENTRE A TERRA E PLEIADES - Nosso planeta tem, ademais, profundos vínculos siderais e espirituais com as Plêiades e, em particular, Alcione. Cristo Jesus, o Supremo Diretor, tem o controle de todas as leis que regem a natureza e os ciclos de criação, transição, evolução e regeneração da humanidade. O Senhor se acha presente em todo lugar, habitando junto a Seus filhos; a tudo governa, desde a mais elementar forma de vida até os mais complexos mundos siderais. “Eis o tabernáculo do Senhor com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus estará com eles” (Ap 21:3). “A sabedoria de Deus é conhecida de todos os lugares e regiões celestes” (Ef 3,10-13). Somos alertados, destarte, desde a mais distante época, sobre a “chegada do tempo” e sua manifestação através de “grandes sinais”, dentre eles terremotos, pestes, fome, bem como de outros fatos surpreendentes. “Quando essas coisas começarem a acontecer, levantem-se e ergam a cabeça, porque a vossa libertação está próxima” (Lc 21,8-4-28)<sup>(6)</sup>.

Segundo todas as correntes religiosas, em especial espiritualistas, a Terra passa por grandes processos de mudanças, retificações e saneamento, com a transferência, doravante, do seu usufruto e administração para inquilinos pacíficos, mansos, altruístas, de viés humanista, universalista; para tanto, o Senhor redireciona obreiros fiéis de outros apriscos, dentre eles Alcione, alocando-os em seu redil terrestre (Jo 10,16). “Meu reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servidores lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas o meu reino agora não é daqui” (Jo 18:36).

Os pleidianos, povos já emocional e espiritualmente evoluídos, são considerados os guardiães da Terra, nossos auxiliares na expansão da consciência e do amor cósmico. Relatos espirituais, nos últimos tempos, fazem referências à presença em nosso planeta, de pleidianos, em especial oriundos de Alcione, aqui atuando em várias dimensões e em grande escala, falanges excelsas e intemoratas a serviço do Reino de Cristo<sup>(7)</sup>. A migração de entes de alta estirpe de Alcione para a Terra, segundo consta, prosseguirá ininterrupta até 2052, permitindo um ambiente de renovação, evolução, marcado pela fraternidade, lisura de caráter, equidade, paz, humanismo exarados pelos novos habitantes imigrantes. “A humanidade terrestre atinge o final de seu curso primário, iniciado há 28 mil anos na Atlântida, por cujo motivo se acha no limiar da mais severa e aflitiva prestação de contas ante o tribunal divino de sua própria consciência” (Ramatis - “O Evangelho à luz do Cosmos” Ed. Freitas Bastos).

## NOTAS

(1) *Sete-Estrela ou Sete Cabras ou ainda Sete Irmãs*, designação popular às Plêiades na Constelação de Touro, um círculo ou conglomerado estelar, parecendo uma mancha esbranquiçada e na qual se vê, a olho nu, de sete a dez estrelas. Suas medidas astronômicas/astrofísicas são: Raio 17,5 anos-luz; Distância da Terra: 444,2 anos-luz; Magnitude aparente V:1.6; Declinação + 24°24'7.000.00".

O tema das "Sete Irmãs", que causa assombro e fascínio, mundo afora, acha-se presente nos mitos e tradições de quase todas as culturas do planeta, transmitidas oralmente e/ou através da arte por gregos, aborígenes, polinésios, persas, chineses, índios norte-americanos (como as tribos Kiowa, Mono, Blackfoot etc.). Faz parte ativa das lendas dos povos aborígenes do norte da Austrália, dentre estes a tribo Yoingu e ainda de nossos ameríndios.

Segundo a lenda indígena Jurupari, a estrela Alcione é a transformação/transplantação do corpo da deusa Ceuci, em punição ao fato dela ter participado de cerimonial privativo dos homens; mas por ter cumprido plenamente sua missão materna e de renúncia na Terra, foi elevada aos céus por ordem de Jurupari, o filho do sol, e entronizada, fulgurante, dentre as Plêiades.

As Plêiades aparecem, outrossim, mencionadas nos anais literários chineses já por volta de 2.350 a.C, nas obras de Homero (*Ilíada* e *Odisseia*, cerca de 1.000 a.C). Serviram elas para orientar, outrora, marinheiros em desconhecidos mares; aos agricultores, a época de semear e ceifar suas colheitas (as tribos Zuni, do Novo México, denominavam-nas de "estrelas da semente"). No Japão, conhecidas como Subaru (Subaru, em japonês, significa "unidade").

Segundo o astrônomo inglês Arthur Struley (1882-1944), nosso sistema solar gira em torno de Alcione no chamado "Cinturão de Fótons" na Constelação de Touro, em um roteiro de translação de cerca de 12.000 anos.

(2) Os anais da civilização cósmico-universal contam-se por milhões ou bilhões de anos. Deus cria continuamente e esparze as sementes estelares, prenhes de vida e esplendor, por todo o Seu Reino Sideral. Sabe-se que os habitantes de Sirius A, na constelação do Cão Maior, vieram/migraram em tempos remotíssimos de Vega, na constelação de Lira, civilizações estas de cerca de 600 milhões de anos, o que denota a imemorialidade da vida inteligente no universo.

A civilização de Andrômeda, composta por cerca de 130 sistemas estelares, por sua vez, é oriunda diretamente de Lira. Da mesma forma, os Sirianos (Sirius A) descendem dos Lirianos.

Algumas outras civilizações que mantêm, há muitas eras, conexão com nosso planeta: Andromedanos; Arcturianos; Órion (constelação de Gêmeos); Sirianos (constelação de Cão Maior), Óptia etc (Fonte: <https://www.nstotal.com.br/noticias/saiba-quem-sao-os-seres-estelares-e-qual-a-missao-deles>, acesso em 04/01/2023). Leituras sugeridas: Alex Collier ("Andromedan Contactes"); Jim Moroney ("The extraterrestrial answer book"); Norma Milanovitch ("Nós, os Arcturianos").

Escritores que relatam vida em outros planetas e orbes siderais: Emmanuel Swedenborg, William Denton, Captaim Kaye, Boriska Kipriyanovich, Howard Mender, Sackville G. Leyson etc.

(3) Consoante a mitologia grega, as Plêiades eram sete ninfas, filhas de Atlas e Pleione, que, perseguidas/assediadas na Terra pelo gigante Orion, foram protegidas por Zeus, que as transformou em astros.

Muitos foram os povos antigos, muitas as crenças e os elos entre os homens e as Plêiades, seja na mitologia ou na astronomia, como precursoras/influenciadoras de estações, solstícios, predições de cataclismos etc. Na tradição indígena brasileira, os tupinambás conheciam muito bem o conglomerado estelar das Plêiades, a quem denominavam Seichu. O seu aparecimento indicava a estação das chuvas, o que se dava após o pôr-do-sol ("nascer anti-hélico das Plêiades") ocorrente geralmente entre 10 de novembro a 10 de maio. O ocaso heliaco das Plêiades ocorre em 10 de maio, quando desaparecem no lado oeste, pós o crepúsculo, sinalizando a estação da seca, daí retornando visível por volta de 5 de junho. Dessa forma, os tupinambás, observando o intervalo da chegada/permanência das Pleiades (entre o início/desdobramento das chuvas e seu reaparecimento em igual época) podiam eles determinar a decorrência de um ano (ciclo). A mesma interpretação se dá com os índios também ainda existentes e que habitam o norte do Brasil. Para os guaranis, do sul do País, o nascer heliaco (ou seja, próximo ao nascer do sol) das Plêiades indica o inverno, enquanto o seu ocaso sinaliza o verão. O aparecimento ou nascer heliaco das Plêiades está ligado a inúmeros festivais em algumas regiões do mundo. Assim, povos diferentes em várias e distintas regiões e em épocas desconhecidas utilizavam as Plêiades como calendário, regulando-lhes as estações do ano.

(4) Algumas referências às Plêiades na Bíblia:

"Quem fez a Ursa, o Órion, as Plêiades e as recâmaras do sul" (Jo 9,9).

"Ou poderás tu atar as cadeias das Plêiades ou soltar os laços de

Órion?" (Jo 38:31).

"...procurai o que fazem as Plêiades e o órion e torna a densa treva em manhã e muda o dia em noite; o que chama as águas do mar e as derrama sobre a terra; o Senhor é o seu Nome" (Amós 5:8).

Antigos livros védicos e hindus como o Shatapatha Brhmana, por volta de 2.950 a.C, relatam dados sobre o surgimento e levantamento das Plêiades (Krttikas). Povos celtas e religiosos druidas reverenciavam a Constelação das Plêiades com cultos aos ancestrais e a abundância do ano-novo, à época da conjunção destas com Saturno e a Lua (entrada na Constelação de Touro), período em que realizavam a Festa de Samhain (Halloween) – tema, aliás, mencionado pelo escritor greco-romano Plutarco (46-120 d.C) em sua obra "De facie in orbi lunae".

(5) Estrelas da Constelação de Touro, dentre elas Aldebaran, os aglomerados estelares das Hyádes e das Plêiades, sempre despertaram especial interesse de várias culturas antigas – chineses, persas, caldeus, babilônicos, sumérios, celtas, gregos – bem como de tribos norte-americanas (sioux, navajo, anasazi etc) e brasileiras (tupi-guaranis, jês, aruaques, bororós, carajás, txucarramãe etc.). O conglomerado das Plêiades era, igualmente, conhecido pelos aztecas, veneradas pelos incas (que as denominavam "collica", palavra que significava "armazém", com a função de preservar as sementes) e pelos maias, povos detentores de elevados conhecimentos de astronomia, arquitetura, agricultura e matemática.

Aldebarã, na Constelação de Touro, uma das mais antigas civilizações cósmicas, assim como Sirius, Andromeda, Arcturus, muitas delas formando uma confederação galáctica, cujos habitantes vivem em ambiente ou estado de consciência iluminada, honrando, em jubilo e em uníssono, o Criador.

(6) Pensadores e religiosos, em todas as épocas, de forma desvelada, tem proclamado a necessidade da vigilância, da reflexão, da boa conduta e postura em nossos atos e, ademais, autoaprimoramento e educação integral do ser, com a interveniência da sociedade. Líderes contemporâneos como Divaldo Franco destacam a importância do papel da educação, em especial a responsabilidade das famílias, no apoio ao desenvolvimento das potencialidades das novas gerações (índigo, milenius...), frisando que dispomos de métodos e modelos pedagógicos eficazes e efetivos como os de Pestalozzi, D. Bosco, Froebel, Montessori, Rudolf Steiner, Sri Aurobindo etc.

O pensador Edgar Armond alerta quanto à "geração de crianças tão diferentes de tudo quanto tínhamos visto até o presente" incluindo autistas, portadores de TDAH, muitas vezes discriminadas ou incompreendidas, desafiando pais e educadores, muitas delas portadoras de elevada sensibilidade e intelectualidade.

(7) Palavras de recepção de São Francisco de Assis aos abnegados gruppamentos de Alcione: "Vindes de outra dimensão do amor ao nosso Pai. Ouviste considerar a miséria moral do grão de areia cósmica que é o planeta terrestre e compadecidos de nossa inferioridade, de nós todos, os seus habitantes e filhos temporários, oferecestes-vos para contribuir com vosso sacrifício em favor de sua ascensão na escala evolutiva dos mundos.

Vós que desfrutais dos júbilos conseguidos a duras penas, defrontareis com as mais covardes ciladas a que já não estais acostumados, experimentando grande surpresa ao verificardes os métodos primitivos que são usados pelos adversários da verdade, desejando impor as suas mentiras e ilusões. (...) Compreendei que se trata de combatentes perversos e inescrupulosos que não tem qualquer contacto com a ética nem com a dignidade. Seu objetivo é destrutivo, enquanto estais acostumados somente com a edificação. Sede bem-vindos, irmãos da misericórdia e da solidariedade..."

("Amanhecer de uma nova era" Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco, Salvador, CEJA, 2012, pp. 101/103 – edição eletrônica).

"Os que vem de fora de nosso sistema, passam por uma fase de adaptação perispiritual necessária ao êxito do ministério que irão desempenhar (...) Vivendo em uma esfera onde as dores e as enfermidades físicas já não vigem, na condição de procedimentos depuradores, tornasse-lhes indispensável condensar no perispirito energias próprias à habitabilidade terrestre" (op. cit. p. 108).

Lembre-mos, outrossim, de que a Bíblia faz inúmeras referências aos exércitos do Senhor; "Não poderia eu orar ao meu Pai e ele enviaria, de imediato, mais de doze legiões de anjos?" (Mt 26,53). "Os exércitos do Senhor são incalculáveis" (Dn 7,9-10). "Vi o Senhor assentado em seu trono com todo o exército dos céus à sua direita e à sua esquerda" (II Cr 18, 18). Quando Eliseu e seu servo achavam-se cercados pelo exército sírio, Eliseu acalmou o companheiro em pânico: "Não temas, porque muito mais são os que estão conosco do que os que estão com eles". E o servo pode, incrivelmente, ver que "os montes em derredor estavam cheios de cavalos e carros de fogo (a serviço do Senhor) (II Rs 6, 11-17).

"Para quem tem fé, nenhuma explicação é necessária, mas para quem não tem fé, nenhuma explicação é possível" (São Tomás de Aquino).

# A história de São Sebastião

Já houve quem dissesse que um santo é uma espécie de ser de duas histórias. Uma feita por ele mesmo, durante sua vida, e outra, após a sua morte, construída pela fé dos crentes. São Sebastião, o militar de Narbonne, martirizado no século III da cristandade, é um grande exemplo. A combinação de mártir e combatente parece ter se revestido de um valor muito especial no olhar dos seus devotos, principalmente na superimaginativa mente dos homens medievais, responsáveis pela criação de grandes simbioses entre o profano e o sagrado.

Estes o qualificaram por supostamente interceder na cura de doenças e moléstias, como ocorreria principalmente em momentos graves como o da peste negra, no século XV. Dentro disso, cabe destacar a relação que foi construída entre São Sebastião e as chamadas Lendas Carolíngias, conjunto de contos cavaleirescos que em princípio buscam retratar os feitos bélicos de Carlos Magno, em sua saga de unificar a Europa Ocidental sob um único reino cristão. No contexto da Idade Média, porém, esses relatos deixam de ser meras narrativas de acontecimentos passados para alcançar a condição de contos fantásticos, regados aos mais diversos aspectos místicos e misteriosos, verdadeiras pérolas da literatura.

Aqui no Brasil, durante a guerra do Contestado, por exemplo, os contos Carolíngios já eram de conhecimento popular e não foi difícil que toda a crença daqueles tempos associasse os Pares de França (a famosa guarda pessoal do rei Carlos Magno) ao exército de São Sebastião, todos reunidos e organizados para lutar pela justiça e pelo restabelecimento da paz naquela região do sul do Brasil. Levado àquele contexto de espera messiânica através do mito português do retorno do homônimo Dom Sebastião, o santo também seria relacionado à dinastia fundada pelo “Pai da Europa moderna” porque partilhava com ela dos mesmos dons de cura.

Certa tradição prega que aos reis da dinastia anterior (os Merovíngios) eram concedidos excepcionais poderes curativos pois supunha-se que esses monarcas eram descendentes de uma linhagem que remontava ao próprio Jesus. Carlos Magno depõe os reis dessa dinastia, mas a fé em seus poderes permaneceria no ideário popular, agora transferida para os Carolíngios apesar de estes não estimularem essa crença e nem praticarem atos nesse sentido. Dessa forma, o beato José Maria, figura importante do conflito do Contestado, ainda que de modo totalmente inconsciente, não teria feito outra coisa senão promover, nas primeiras décadas do século XX, um retorno a um mito medieval muito antigo, conseguindo com isso mobilizar forças para as lutas que se estabeleceriam no sul do continente americano, ainda que o seu objetivo fosse apenas ser um instrumento da justiça de Deus e não aparecer como um revolucionário rebelde.

E ao se falar da presença de São Sebastião na cultura brasileira não se poderia jamais deixar de lado a relação do santo com a cidade do Rio de Janeiro. Essa história se inicia já no século XVI quando o antigo militar foi “visto” em plena luta dos portugueses contra os franceses aliados aos índios tamoios, na Batalha das Canoas em 1566. Pouco antes disso, em outro conflito travado nas águas da baía de Guanabara, os portugueses teriam conseguido escapar de forma inacreditável de um assalto de índios inimigos. A situação era tão dramática, que não ter sucumbido foi considerado um grande milagre e, naturalmente, atribuído a São Sebastião. O acontecimento foi muito comentado pelas tropas portuguesas ao ponto de ser aumentado e constituir mais uma espetacular lenda ligada às suas supostas virtudes guerreiras.

Para aumentar ainda mais essa ligação da então futura capital do Brasil com o santo, a batalha final que frustrou os planos de estabelecimento da França Antártica, expulsando definitivamente os invaso-



res, ocorreu num 20 de janeiro, dia a ele consagrado. Completando o quadro, o fundador da cidade, Estácio de Sá, seria morto em combate, do mesmo modo que o militar romano, só que com uma flecha lhe atingindo o rosto. Ironicamente, ao fundar pouco tempo antes a cidade em homenagem ao santo, Estácio estabelecera o brasão contendo as três flechas cruzadas, que até hoje está presente na insígnia da Cidade Maravilhosa.

Com a imensa popularidade na cultura brasileira, e com o caráter guerreiro e destemido de sua história, São Sebastião obviamente não deixaria de ter importância também para as manifestações da religiosidade indígena e afro-brasileira. O sincretismo que vai se construir em torno da figura do santo é bastante singular por envolver simbologias religiosas das três raças que em tese compõem a cultura brasileira. Primeiro porque é associado a Oxóssi, o orixá do panteão iorubá que se notabiliza pelos seus atributos de caçador, sendo considerado o senhor dos animais mais temidos do ambiente natural africano, como os elefantes e rinocerontes. Como seus instrumentos de caça são o arco e a flecha, o sincretismo vai relacioná-lo ao martírio de São Sebastião, que resistiu aos ataques dessa mesma arma da qual Oxóssi é mestre.

Por outro lado, a habilidade de caçar nas savanas foi adaptada na vinda da crença desse orixá para o Brasil, passando ele a ser agora senhor das matas tropicais. Nessa nova configuração, Oxóssi se identifica com a cultura indígena brasileira e, de alguma forma, se “caboclica”, passando a figurar também nas crenças nas divindades dos nativos da América. Torna-se assim o protetor de todos esses habitantes das florestas, deixando de ser o terror das caças e passando a ser o seu grande protetor.

Em seu novo “habitat” Oxóssi também é relacionado ao domínio de outros habitantes das matas além dos animais, como as folhas e ervas, base dos artigos terapêuticos nas culturas indígena e cabocla. A Oxóssi então se recorre na cultura popular para as curas e tratamentos a partir da força dos vegetais presentes nas matas. A fé em São Sebastião, que também é da alçada popular pela via da religião dos colonizadores europeus, em nada se conflita com a crença nos atributos terapêuticos de Oxóssi, haja vista que ele é o santo das pestes, ao qual se recorre nas grandes epidemias e para as mais diferentes enfermidades.

A devoção a São Sebastião é um grande exemplo de como a trajetória de uma personalidade através dos tempos pode receber novos elementos e responder a outras configurações culturais. De uma história carente de maiores comprovações historiográficas de um militar do século III depois de Cristo pode emergir uma série de novas motivações que culminam em eventos que são efetivamente história. A fertilidade criativa e dinâmica do mundo da Idade Média do ocidente cristão encontra acomodação no misticismo do mundo afro-indígena brasileiro e adapta um personagem a um novo contexto, que serve a novos anseios humanos. É quando o mito produz história, e a história garante a permanência do mito.

Fonte: Internet

Nº 200 DO BOLETIM – MAIO/2024:

O próximo mês de maio acolherá o nº 200 de nosso Boletim. Um marco para a cultura, o memorialismo e o jornalismo de nosso meio. Leitores e amigos do boletim que queiram formular alguma mensagem/manifestação acerca do evento – o que muito nos honrará – poderão fazê-lo até o dia 15 de abril próximo pelo e-mail: [credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br](mailto:credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br).

O boletim, como sabemos, é uma iniciativa compromissada com o desenvolvimento cultural de nosso meio.

Desde já, gratos.

